

# **A História da Fábrica de Vidro de Irlbrunn<sup>1</sup>**

por Georg Paulus

## **Prefácio**

O trabalho a seguir é a versão estendida de uma palestra que eu pude ministrar no Mosteiro de Weltenburg no dia 10 de Junho de 2011 a convite do “Gruppe Geschichte”. Ele baseia-se sobretudo em pesquisas em diversos arquivos públicos Bávaros, assim como no Arquivo Episcopal Central de Ratisbona.<sup>2</sup>

Os meus agradecimentos vão para todos aqueles que me apoiaram nas minhas pesquisas com dicas e informações, sobretudo ao Senhor Heinz Funk, guarda-florestal reformado, de Ihrlerstein, e ao Senhor Dieter Schwaiger de Mühlhausen. Não menos importante, agradeço também ao Senhor Professor Doutor Günter Tamme e ao “Gruppe Geschichte”, que possibilitou a publicação na revista da Academia de Weltenburg.<sup>3</sup>

Quero dedicar esta publicação ao Senhor Victor Manuel Gallo, de Lisboa, um descendente directo do fundidor de Irlbrunn, Johann Georg Hahn. Ele inspirou-me a investigar a história desta fábrica de vidro.

Hohenwart, Agosto de 2011

Georg Paulus

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em Alemão com o título „Die Geschichte der Glashütte Irlbrunn“, Schriftenreihe der Weltenburger Akademie 2.30, Abensberg 2011. Tradução: Herlander Miguel Francisco, Georg Paulus, Rita Teodoro.

<sup>2</sup> Bischöfliches Zentralarchiv, Regensburg.

<sup>3</sup> Weltenburger Akademie.

### A História da Fábrica de Vidro de Irlbrunn

Irlbrunn é actualmente um local abandonado na *Frauenforst* (Floresta das Senhoras), uma área florestal do estado a norte de Kelheim. Da antiga fábrica de vidro de Irlbrunn não resta nada além de uma clareira na floresta onde ela se localizava, e uma casa florestal abandonada. E até mesmo esta clareira não corresponde mais ao seu contorno original, pois grande parte dela foi reflorestada desde o término das operações da fábrica de vidro, que era, na época, cinco vezes maior. Nada nos faz supor que ali era um local de produção pré-industrial. É preciso fantasia para imaginar que existiu neste lugar no começo do século XVIII uma aldeia inteira com casas, várias pequenas propriedades rurais e, acima de tudo, uma manufatura de vidro, onde se encontravam operários especialistas em vidro, que ali trabalhavam e viviam juntos com suas famílias, originários da Boémia e da Floresta Bávara, da baixa Francónia e outros centros produtores de vidro, que estavam em comunicação entre si. Nada mais nos faz lembrar esses tempos. Mas esta era a realidade diária nesta clareira em Frauenforst.



Fig. 1: Casa florestal de Irlbrunn, Cartão Postal de 1912

Naquela clareira foi escrito um pequeno pedaço da história da indústria, que – acredite-se ou não – ressoou por toda Europa. Este trabalho mostra como isto aconteceu e com quais destinos humanos esta história está conectada. É o resultado da pesquisa de fontes documentais que tratam da fábrica de vidro de Irlbrunn, que funcionou ali durante apenas algumas décadas

A fábrica de vidro de Irlbrunn é parte de uma rede de fábricas de vidro nas florestas a oeste de Ratisbona, nas quais – em locais distintos – o vidro foi produzido ao longo de 300 anos. Só recentemente as fábricas de vidro de Painten, Rothenbügl, Viergstetten e Walddorf, que foram construídas nesta região, rica em floresta, foram investigadas com maior profundidade.<sup>4</sup> A fábrica de vidro de Irlbrunn, cuja história aqui será estudada pela primeira vez, deve ser entendida neste contexto industrial histórico.

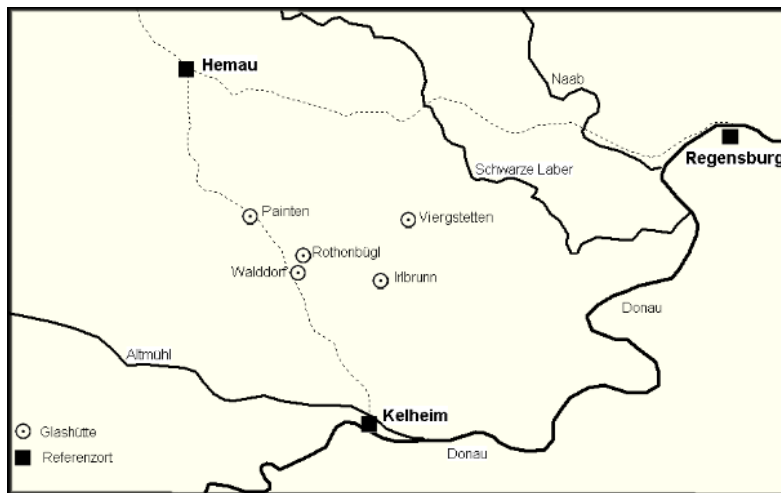


Fig. 2: Localização das fábricas de vidro (1630–1932)

### **A velha fábrica de vidro de Rothenbügl**

A origem da fábrica de vidro de Irlbrunn está intimamente ligada ao destino da manufactura de vidro fundada em 1665, nas proximidades, e localizada em Rothenbügl, e este é o motivo pelo qual nos dedicaremos a essa antiga instalação de produção de vidro.

Ainda que ambos os lugares se distanciem a apenas uma hora de caminho a pé um do outro, havia uma fronteira entre eles desde 1505 que separava o principado de Pfalz-Neuburg do Ducado da Baviera, bem como a floresta de Painten da floresta Frauenforst. Ambas as regiões florestais pertencem hoje ao Estado da Baviera. Até a secularização (1803) a Frauenforst era propriedade da Abadia Imperial de Niedermünster em Ratisbona, um convento para damas nobres, e cujo nome da floresta deriva do facto de pertencer ao convento. No ano de 1002 o Rei Henrique, que depois se tornaria o imperador Henrique II, concedeu ao convento esta possessão juntamente com o domínio de Saal a.D..<sup>5</sup> A floresta

<sup>4</sup> Para o estado das pesquisas acerca destas fábricas de vidro: Georg PAULUS, Glasindustrie bei Painten (1630–1932), em: Die Oberpfalz 98, Heft 4, Kallmünz 2010, p. 230-239.

<sup>5</sup> Monumenta Germaniae Historica: DD Heinrich II. Nr. 29.

de Painten, por outro lado, encontrava-se sob o senhorio do Conde Palatino de Pfalz-Neuburg e era administrada pelos seus funcionários em Painten.<sup>6</sup>

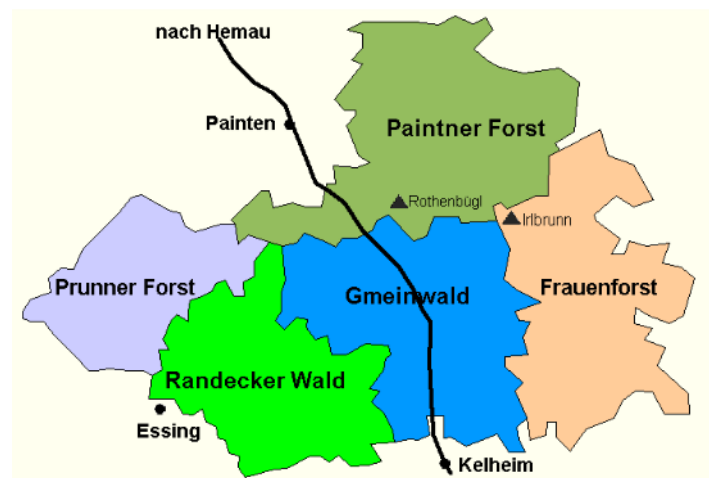


Fig. 3. Florestas ao norte de Kelheim (representação esquemática)

A fábrica de vidro de Rothenbügl esteve desde a sua fundação nas mãos da família Degenmayer, que somente em 1691 recebeu a carta de herança, do Príncipe-Eleitor Johann Wilhelm, autorizando-a a ficar com a posse da fábrica. Após a morte precoce do herdeiro da fábrica de vidro, Franz Degenmayer, no ano de 1694, que deixou um filho de 2 anos chamado Georg Ferdinand, a viúva deste casou-se com um vidreiro de Seewiesen<sup>7</sup>, da Boémia Ocidental, chamado Jakob Kiesling. Seewiesen era o local de várias fábricas de vidro<sup>8</sup> e servia como um centro da arte de vidro. Jakob Kiesling descendia de uma família famosa de vidreiros<sup>9</sup>, sendo sua mãe uma Preisler, um nome, que mais tarde também seria encontrado em Rothenbügl.

A madeira utilizada na fábrica de vidro de Rothenbügl era proveniente da floresta de Painten, na qual se situava a vila, com base nas condições estabelecidas na carta de herança de 1691. Jakob Kiesling era o administrador da fábrica de vidro de Rothenbügl, mas ele deveria estar ciente de que nenhum de seus filhos receberia a fábrica de vidro após a sua morte, pois Georg Ferdinand Degenmayer, seu enteado do primeiro casamento de sua esposa, tinha primazia na herança. Kiesling utilizou seu talento como empresário e seu conhecimento técnico da manufatura de vidro para tentar a sorte também fora de

<sup>6</sup> Ver Georg PAULUS, . Der Paintner Forst. Betrachtungen zur tausendjährigen Geschichte eines baye-rischen Staatswaldes, (Regensburger kleine Beiträge zur Heimatforschung, RkBH 5), Regensburg 2016. <http://www.heimatforschung-regensburg.de/535>.

<sup>7</sup> Actualmente: Javorná.

<sup>8</sup> Ver Claudia MITTELHAMMER, Standorte und Entwicklung der Glasindustrie im Šumava-Gebiet, em: Regensburger Beiträge zur Regionalgeographie und Raumplanung, 6/1999, p. 1-62.

<sup>9</sup> Ver Josef BLAU, Die Glasmacher im Böhmer- und Bayerwald. Bd. 2, Kallmünz 1956, p. 130 f.

Rothenbügl. A vila tinha-se tornado ponto de partida para vidreiros talentosos das florestas bávaras e boémias que procuravam um novo começo.<sup>10</sup> Jakob Kiesling também possuía inúmeros relacionamentos profissionais e de parentesco com uma série de fábricas de vidro de fora do território de Pfalz-Neuburg. Uma dessas ligações levou-o para Steigerwald, para a fábrica de vidro ali existente desde 1706 em Schleichach (actualmente: Fabrikschleichach) sob domínio do Príncipe-bispado de Würzburg.<sup>11</sup>

Cuidadoso com o futuro profissional e económico dos seus filhos, Jakob Kiesling sentiu que deveria esforçar-se para a compra de outra empresa ou a fundação de uma nova, para ter a expectativa de uma herança para eles. Assim, Kiesling utilizou-se das suas ligações com a fábrica de vidro de Schleichach. Seu fundador e arrendatário, Adam Berger, morreu em 1710 e, seus filhos tiveram azar na condução dos negócios, de modo que antes de 1715 já haviam acontecido paralisações momentâneas na produção.<sup>12</sup>

Já no inverno de 1711/12 Jakob Kiesling, obviamente, já estava ciente das dificuldades de Schleichach, candidatou-se à administração dessa empresa, que ficava a cerca de 150 km de Painten. Este facto é corroborado por uma nota no ofício de apuração e arrecadação de impostos de Eltmann. Lá, Johann Kiesling fez-se registar como mestre vidreiro de Bengen (Painten) em Neuburg, e acordou a propriedade da fábrica de vidro de Schleichach.<sup>13</sup> Kiesling teve que esperar mais algum tempo antes que pudesse ser oficialmente o sucessor do Berger em Schleichach, pois o contrato de arrendamento de Adam Berger e de seus descendentes tinha duração de 15 anos (1706–1721), que deveriam ser cumpridos, mesmo que a empresa estivesse indo mal. Porém, há diversos testemunhos da presença de Jakob Kiesling em Steigerwald antes de 1721. Não era apenas Jakob que estava lá, mas também um grande número de vidreiros que provinham da fábrica de vidro de Rothenbügl, assim como seus familiares. Ao lado dos Kieslings, também estavam as famílias Preisler e Bock, já no ano de 1716. É evidente que, antes de se tornar oficialmente o director da empresa, em 1721, Jakob levou consigo para Schleichach um grupo de operários de Rothenbügl ainda sob a direcção do irmão de Adam Berger, Kaspar. A partir de 01 de Janeiro de 1721, Jakob Kiesling tornou-se arrendatário da fábrica de vidro de Schleichach, baseado num contrato que era válido por um ano. Porém, a sua petição pela concessão de um contrato de arrendamento por herança, de modo que a fábrica de vidro se mantivesse na família e

<sup>10</sup> Ver Werner LOIBL, Die Kieslings, em: *Rauhenebracher Jahrbuch 2005*, Rauhenebrach 2005, p. 90-113, especialmente p. 95.

<sup>11</sup> Ver Werner LOIBL, (Fabrik-)Schleichach. Die Geschichte der Glashütte im Steigerwald (1706–1869), Rauhenebrach 2006.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Staatsarchiv Würzburg (À frente designado: StAWü), Rechnungen 10971, p. 257; Citado em: LOIBL, Die Kieslings, ver nota 10, p. 99.

pudesse garantir o futuro de seu filho Joseph, foi negada.<sup>14</sup> Os seus primeiros engajamentos em Irlbrunn também têm relação com o esforço de Jakob Kiesling para assegurar o futuro económico dos seus filhos.

### **A fundação de Irlbrunn e os anos sob Jakob e Sabina Kiesling (1713–1728)**

Possivelmente Kiesling tenha já negociado no tempo da sua candidatura a Schleichach com a Abadia Imperial de Niedermünster em Ratisbona, proprietária de Frauenforst, e que próximo de Rothenbügl fazia fronteira com a floresta de Painten.

O começo da fábrica de vidro e também da vila de Irlbrunn remonta ao tempo da guerra de sucessão espanhola (1701–1714), que também foi um período tumultuoso para a região de outras formas. A região de ambos os lados da fronteira da Baviera e de Pfalz-Neuburg não sofreu apenas com os impactos da guerra. Uma peste, que fez milhares de vítimas na cidade imperial de Ratisbona entre 1713/14, não deixou a vizinhança incólume.<sup>15</sup> Soma-se a isso a quebra de safras dos anos de 1711 e 1712, que ocasionou escassez de alimentos e alta nos preços.<sup>16</sup> Nestes tempos incertos, as florestas na fronteira entre Kelheim e Painten tornaram-se abrigo para muitos ciganos. Os livros de contabilidade de Hemau informam da criação de patrulhas montadas até 25 homens, enviadas para a floresta de Painten, para expulsar os ciganos que ali se encontravam.<sup>17</sup> Em 1712 foi mesmo imposto no Principado de Pfalz-Neuburg o banimento dos ciganos, o que os tornou fora-da-lei.<sup>18</sup> As extensas florestas fronteiriças não ofereciam somente aos ciganos um abrigo, mas também a outros grupos sociais marginalizados – pela possibilidade de passagem sem controlo pelas fronteiras – protecção das acções governamentais. A ideia de piorar a vida desses viajantes através de novas povoações também foi tida em consideração na permissão da construção da fábrica de vidro de Irlbrunn.

Para uma melhor compreensão das fontes arquivísticas e dos processos administrativos relativos à fundação e posterior encerramento da fábrica de vidro de Irlbrunn, devemos olhar para as condições judiciais na Frauenforst: O estado de imediatismo imperial da Abadia Imperial de Niedermünster foi limitado à área do mosteiro e das suas propriedades dentro de Ratisbona. Para as suas propriedades no exterior, no Ducado da Baviera, onde a floresta Frauenforst estava localizada, a Abadia Imperial somente possuía jurisdição inferior,

<sup>14</sup> Ver LOIBL, nota 11, p. 29-30.

<sup>15</sup> Ver Katharina KELLNER, Pesthauch über Regensburg, Regensburg 2005, bem como Johann Nepomuck MÜLLER, Chronik der Stadt Hemau, Regensburg 1861, reimpressão Hemau 1972, p. 230.

<sup>16</sup> Alfred FRICEK, Die Administration in Bayern von 1704–1714, Viena 1954, p. 87.

<sup>17</sup> Staatsarchiv Amberg (À frente designado: StAAm), Pflegamt Hemau R 17, fol. 114.

<sup>18</sup> Hans RALL, Pfalz-Neuburg und seine Fürsten, em: Neuburger Kollektaneenblatt 109, Neuburg 1955.



enquanto a alta jurisdição na floresta Frauenforst estava sujeita à corte ducal de Kelheim.<sup>19</sup> A jurisdição inferior era executada por o reitor de Niederlindhart (em vez da abadessa de Niedermünster).<sup>20</sup> Devido à sua grande extensão, o território do reitor, foi dividido em cinco distritos, sendo um deles o domínio de Saal, onde Frauenforst ficou sujeita.

O Eleitorado da Baviera estava ocupado desde 1704 pelas tropas imperiais e permanecia desde aquela data sob a administração do Império. Painten e Rothenbügl, que se achavam no território de Pfalz-Neuburg não foram afectadas, mas sim a administração da vizinha cidade bávara de Kelheim, à qual Frauenforst estava sujeita. Consequentemente a petição da Abadia Imperial de Niedermünster para a permissão de operação de uma fábrica de vidro em sua floresta devia ser tratada pela administração imperial em Munique. A abadessa Johanna Franziska Sibylla von Muggenthal (regeu de 1697 a 1723) enviou tal petição no início do ano de 1713.



Fig. 4: Residência da Abadia de Niedermünster<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Rita-Maria SAGSTETTER, Hoch- und Niedergerichtsbarkeit im spätmittelalterlichen Herzogtum Bayern, Munique 2000, p. 99-103.

<sup>20</sup> Ver Emma MAGES, Kelheim. Pfleggericht und Kastenvogtgericht. Historischer Atlas von Bayern, Teil Altbayern, Heft 64, Munique 2010, p. 238-246;

<sup>21</sup> Johann Carl PARICIUS, Allerneueste und bewährte Historische Nachricht von allen in denen Ring-Mauern der Stadt Regensburg gelegenen Reichs-Stifften, Haupt-Kirchen und Clöstern Catholischer Religion, Ratisbona 1753.

A administração imperial consultou por isso as autoridades competentes de Straubing, recolhendo opiniões, incluindo a da administração de Kelheim para analisar as vantagens e desvantagens da instalação de uma fábrica de vidro em Frauenforst. Numa nota conclusiva de Johann Michael Zech, vice-governador, chanceler e conselheiro do governo de Straubing datada de 26 de Junho de 1714, foram resumidos os pareceres e expostos os argumentos decisivos:<sup>22</sup>

Foi dada uma atenção especial à preocupação de que a nova fábrica de vidro pudesse prejudicar o povoamento florestal e causar uma escassez de madeira. Neste contexto, foram também consideradas possíveis objecções dos proprietários de outras fábricas de vidro dentro do território da autoridade de Straubing. Explicitamente mencionadas foram as fábricas de Rabenstein e Zwieselau, das quais, no entanto, nenhum protesto era esperado, pois estas fábricas estavam a “16 a 17 milhas” (aproximadamente 125 km) de distância de Irlbrunn. Embora o mais provável seria o dono da fábrica de vidro de Painten (Rothenbügl) nas proximidades poder ter causado problemas. Ele, no entanto, não teria nenhuma justificação, pois a sua fábrica estava localizada do outro lado da fronteira no território de Pfalz-Neuburg. O exemplo tinha sido dado por a cidade de Furth im Wald, que, dois anos antes, tinha feito em vão oposição à construção de uma fábrica de vidro no vizinho domínio do Condado de *“Gauth in Böhamb”*<sup>23</sup>. O argumento principal a favor da fábrica de vidro de Irlbrunn, era que não levaria a uma utilização prejudicial e excessiva da mata, bem como era interesse primordial da abadessa de Niedermünster evitar tal dano à sua floresta. Com o fim de evitar uma diminuição nas receitas de impostos e área dos terrenos de caça, a Abadia iria manter a fábrica de vidro a operar somente enquanto ela correspondesse a *“conveniência e utilidade”*.

Os protestos do juiz de Kelheim foram recusados, alegando-se que ele, por causa de seu campo de caça vizinho, parecia influenciado por seus interesses privados. Seus argumentos contra a fábrica de vidro de Irlbrunn foram, por esse motivo, negligenciados.

Finalmente, também motivos de política de segurança foram usados como argumento: através da existência de uma fábrica de vidro em Frauenforst pretendia-se tornar a região florestal fronteira mais segura, pois estava sujeita a pessoas que não respeitavam a lei, vagabundos, bandos de ladrões, e pobres.

<sup>22</sup> Bayerisches Hauptstaatsarchiv (À frente designado: BayHStA), KL Regensburg-Niedermünster, 110.

<sup>23</sup> Kauth na Boémia, actualmente: Kout na Šumavě.



Concluiu-se que uma fábrica de vidro em Irlbrunn seria mais útil do que prejudicial à mata e às regiões de caça e que se poderia dar a permissão para a experiência e revogação, porque particularmente, não havia principais objecções a esperar do governo de Munique (*Hofkammer*), nem do gabinete florestal Eleitoral (*Obristjägermeisteramt*). A palavra final foi dada certamente pela “*mais graciosa resolução de sua majestade imperial*”.<sup>24</sup>

### Carta de concessão do imperador

**Carlos VI, datada de  
11 de Dezembro de 1714**

*Carolus der 6<sup>te</sup> Von Gottes Genaden Erwählter Röm[ischer] Kayser, Zu allen Zeiten Mehrer des Reichs, König Zu Hispanien, Hungarn, und Böhamb [et cetera]*

*Wollgebohrener Lieber Gethreuer. Wür haben Uns, yber der Abbtissin des Stüffts Niderminster in RegensPurg allerdiemiettigistes Anlangen den angefangenen Glashitten Pau in dem sogenannten Frauenholz, Gerichts Kelhaimb vollenten zuderffen, sowoll, als derentwegen eingeholte guetachtens berichten allerunderthenigist referieren lassen, Wan nun die Sach, vorgeschribnermassen beschaffen, daß die Ainrichtung einer Glashitten der Landtsherrschaftt weder an Gehilz, noch in anderweg schädlich dardurch seye, sondern dem jungen Holz zum Waxthumb geholffen werde. Als findten Wür unbedencklich daß ersagtem Reichs Stüfft Niderminster in Regenspurg die angefangne Glashitten, iedoch auf Versuechen und Widerrueffen, auch disem expressen Vorbehalt concediert werde, daß hingegen dasselbe bei abmanglenten Gehilz, oder andern zubefahren habenten Schaden,*

### Tradução portuguesa

*Carlos VI, pela Graça de Deus Eleito Imperador Romano, eternamente Augusto, Rei de Espanha, Hungria, e Boémia [etc...]*

*Caro Nobre Sereníssimo. Nós tínhamos pedido o mais humildemente ser informados acerca do muito humilde requerimento da Abadessa da Abadia de Niedermünster, para ser autorizado a construção da fábrica de vidro, já começada, na chamada floresta Frauenholz [Frauenforst], distrito do condado de Kelhaimb [Kelheim], por opiniões, procurou [o Imperador] a este respeito. Como o assunto, descrito acima, mostra que a instalação de uma fábrica de vidro não irá prejudicar a soberania, nem os seus bosques, nem danos de qualquer outra forma, mas promover o crescimento das arvores jovens, por isso nós achamos inquestionável permitir à dita Abadia Imperial de Niedermünster em Ratisbona para ser concedido o início da fábrica, contudo, com base na Tentativa e Revogação, bem como na reserva explicita que a dita fábrica de vidro será*

<sup>24</sup> BayHStA, KL Regensburg-Niedermünster, 110.

*berührte Glashitten auf iedermalliges Begehren wider abzuthuen schuldig sein solle. Welche Unser allergnedigiste Resolution Wür dir der weiteren Verfiugungs willen hinwider bedeuthen. Und seint dir anbei mit Gnaden gewogen.*

*Minchen, den 11<sup>ten</sup> Xbris [Decembris] 1714*

*Ex Commissione Administrationis Cæsareæ.*

*demolida a pedido, no caso de falta de madeira ou de outros danos ocorridos. Esta é a nossa resolução mais graciosa que nós damos para seu conhecimento para posteriormente dispor. Mantendo-se à sua frente disposto em graça.*

*Munique, 11 Dezembro 1714*

*Da Administração Imperial*

De acordo com um elaborado parecer o imperador Carlos VI, em 11 de Dezembro de 1714, transmite instruções ao tesoureiro de Straubing, para conceder à Abadia Imperial a permissão para a construção da fábrica de vidro.<sup>25</sup>

A concessão da fábrica de vidro foi dada na fase final do período de ocupação imperial, cujo fim já fora acordado em Setembro de 1714 na paz de Baden.<sup>26</sup> Em Dezembro, quando o texto acima foi escrito, a retirada das tropas imperiais da Baviera já estava a acontecer. A última retirada de tropas aconteceu em 25 de Janeiro de 1715.<sup>27</sup> O facto que a fábrica de vidro de Irlbrunn foi permitida ainda durante essa fase de transição mostra que a administração imperial deveria estar muito inclinada a dar segurança jurídica à Abadia Imperial de Niedermünster e à sua já iniciada fábrica de vidro ainda antes da sua retirada, fazendo assim um último acto que teria efeitos para além do tempo de ocupação.

Os despachos imperiais, de 21 de Dezembro de 1714, nos quais consta a redacção para o tesoureiro, de onde foi extraída a permissão à abadessa de Niedermünster,<sup>28</sup> contêm duas pistas importantes para nós: A primeira está na frase „... *den angefangenen Glashitten Pau ... vollenten zuderffen...*“ (“... a já começada fábrica de vidro pudesse finalizar-se...”), pela qual se dá a conhecer que a construção da manufactura já havia iniciado. Esta condição também foi enfatizada nos escritos do tesoureiro: „... *wegen der bereits angefangenen und nunmehr auszupauen bewilligten Glashitten ...*“ (“...por causa da já iniciada e agora permitida fábrica de vidro...”). A outra pista é a inclusão de uma cláusula segundo a qual a

<sup>25</sup> Staatsarchiv Landshut (À frente designado: StALa), Rentkastenamt Straubing, A 50, (A referencia deste documento foi fornecida por Sr. Dieter Schwaiger, Mühlhausen).

<sup>26</sup> Ludwig HÜTTL, Max Emanuel. Der Blaue Kurfürst, Munique 1976, p. 777.

<sup>27</sup> Ver FRICEK, nota 16, p. 89.

<sup>28</sup> StALa, Rentkastenamt Straubing A 50.

permissão era revogável, caso algumas circunstâncias fossem verificadas. Esta restrição teve, mais tarde, um significado essencial para o destino da fábrica de vidro de Irlbrunn.

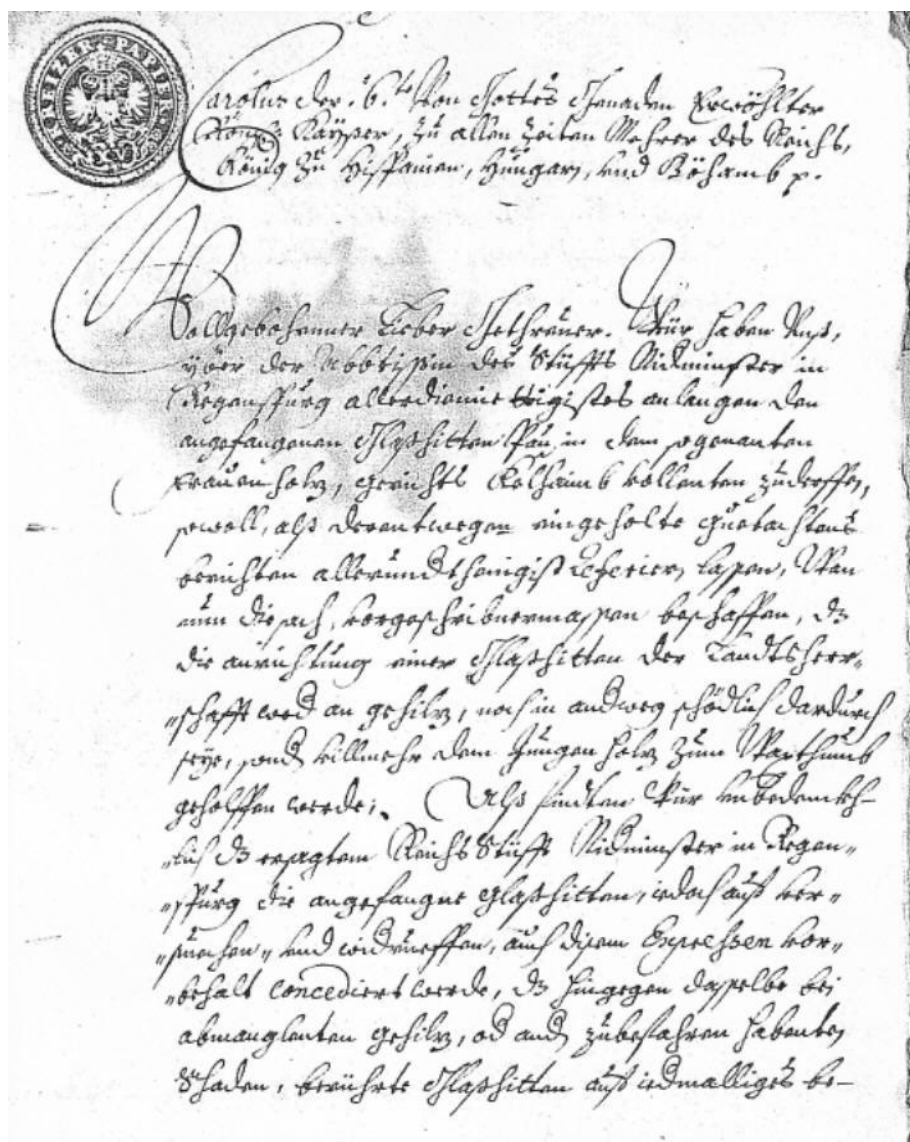


Fig. 5: Extracto da carta de concessão do imperador Carlos VI, datada de 11 de Dezembro de 1714<sup>29</sup>

Um registo de baptismo da paróquia de Painten mostra que a produção de vidro já havia começado antes que a tesouraria de Straubing se pronunciasse pela primeira vez sobre a petição da abadessa. Lá foi registado o baptismo de um Johann Joseph, filho do “*Spiegelmacher*” Johann Mithueber e de sua esposa Eva Elisabeth aos 18 de Março de 1713 em a “*Glashütte Edlbrunn*” (fábrica de vidro de Irlbrunn).<sup>30</sup> A denominação “*Spiegelmacher*” (fabricante de espelhos) não significa que eram fabricados espelhos em Irlbrunn. Provavelmente, Mithueber dominava a fabricação do que era chamado

<sup>29</sup> StALa, Rentkastenamt Straubing A 50.

<sup>30</sup> Bischöfliches Zentralarchiv Regensburg (À frente designado: BZAR), KB Painten, Bd. 1, fol. 108.

“*Spiegelscheiben*” (vidro plano), como era usado na linguagem técnica da época para designar especialmente vidraças de boa transparência.<sup>31</sup>

Para a Abadia Imperial a fundação de uma fábrica de vidro na sua floresta foi bemvinda e uma nova fonte de rendimento. Devido ao declínio da viticultura no Danúbio entre Kelheim e Ratisbona no século XVII e a retracção das receitas, a rentabilização de Frauenforst apresentava-se como uma coisa boa.<sup>32</sup> Entende-se que a lenha, que seria requisitada por Irlbrunn e da qual seria esperada uma renda anual de, no mínimo, 100 florins, também poderia possivelmente ser vendida de outra forma. Mas o imposto pago pelo dono da fábrica de vidro traria uma fonte de renda certa, que somava 200 florins anuais, e praticamente não exigia nenhuma contrapartida.<sup>33</sup> Em comparação com Rothenbügl, cuja fábrica de vidro beneficiava das vantajosas condições da carta de herança de 1691, segundo a qual se deveria pagar um preço notavelmente baixo pela madeira e uma taxa senhorial de somente 7 florins e 30 cruzados, a fábrica de vidro de Irlbrunn trazia uma extraordinária receita aos seus soberanos de Niedermünster.

Porém, que Jakob Kiesling – mestre vidreiro da fábrica de vidro vizinha de Rothenbügl desde 1694 – tenha sido o primeiro arrendatário da fábrica de vidro em Frauenforst, não se encontra quase nenhuma evidência directa, já que a primeira carta de concessão não chegou a nós. De toda forma supomos pela carta de Johann Georg Fuchs à Abadessa de Niedermünster, que ele desde cedo, talvez desde o início, deva ter sido seu arrendatário.<sup>34</sup> Obviamente, Jakob Kiesling esperava obter lucro suficiente com a nova fábrica de vidro. Somente isso pode explicar que ele estivesse disposto a pagar uma renda anual de 200 florins e um preço anual de 10 cruzados por carrada (*Klafter*) de madeira (aproximadamente 3 metros cúbicos), enquanto em Rothenbügl ele estava a pagar somente 3 cruzados pela lenha da floresta de Painten. A partir de 1722 o preço foi reajustado para 10 pfennings de Ratisbona, o que correspondia a um preço de 7 cruzados por carrada, mas mesmo assim quase 30 por cento abaixo do preço pago em Irlbrunn.

### **Sobre a topografia de Irlbrunn e a localização da fábrica de vidro**

A clareira de Irlbrunn no fim do período de operação da fábrica de vidro estendia-se numa área triangular com cerca de 900 metros de comprimento lateral. Ela abrangia uma área de

<sup>31</sup> Ver Werner LOIBL, Zur Terminologie des historischen Flachglases, em: Peter STEPPUHN, (Ed.), Glashütten im Gespräch, Lübeck 2003, p. 105.

<sup>32</sup> Ver MAGES, nota 20, p. 245.

<sup>33</sup> BayHStA, KL Regensburg-Niedermünster, 110.

<sup>34</sup> Ibidem.

quase 42 hectares.<sup>35</sup> O terreno elevava-se de sul para norte levemente. O local mais baixo está a cerca de 480 metros acima do nível do mar e o mais alto a 520 metros.

Para a escolha do local da fábrica de vidro foi levado em consideração a disponibilidade de recursos, entre os quais a madeira como geradora de energia para o forno de fundição e para a obtenção de potassa. Depois precisava-se de areia de quartzo (dióxido de silício), calcário e argila. A madeira para a fábrica de vidro era provida pela Frauenforst, assim como esporadicamente pela vizinha floresta de Painten e a Gmeinwald. A areia era obtida possivelmente de uma jazida em Irlbrunn, actualmente abandonada, sendo mencionada num documento de 1742<sup>36</sup> e que ainda era utilizada no século XIX.<sup>37</sup> Encontrava-se num terreno reflorestado a oeste da actual estrada de Haugenried para Kelheim. Na região, o calcário era abundante, e nas cercanias também se encontrava a argila para a construção dos cadinhos para vidro.

Dentre as condições topográficas, a disponibilidade de água também era indispensável. O ideal era a existência de água corrente para o funcionamento de uma roda de água para um moinho. As águas abundantes não estavam disponíveis no planalto cárstico ao norte do Danúbio. Porém, Irlbrunn oferecia bastante água parada. Deveria tratar-se de uma lagoa hoje parcialmente assoreada, que era alimentada por uma fonte próxima. Esta fonte era chamada de *“Brunnquelle”*<sup>38</sup> ou de *“Irlbrunnen”*<sup>39</sup> e nascia num lugar baptizado de *“Brunnenwiese”* (ver Fig. 6, No. 49). Ali a falta de um riacho mais volumoso não permitia a instalação de uma roda de água, porém uma roda impulsionada por tracção animal ainda poderia ser instalada. Possivelmente reduzia-se com isso o penoso trabalho manual de triturar a argila, restos de cerâmica, areia, calcário e cacos de vidro, como também era feito em outras fábricas de vidro. As condições do vento também eram importantes por causa da ventilação para o fogo do forno de fundição.

A localização exacta da antiga fábrica de vidro em relação ao forno de fundição não é conhecida. Os mapas antigos também não dão dados exactos sobre isso. O mapa mais velho de Irlbrunn é do ano de 1795. Isso é mais de 50 anos depois do encerramento da fábrica de vidro, de modo que não há nenhuma pista sobre a localização dela. De qualquer

<sup>35</sup> StAla, Grundsteuerkataster Kelheimwinzer. 7/29 II-1.

<sup>36</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg Niedermünster, Archivalien, 592 (15-07-1742) e 593 (04-09-1742).

<sup>37</sup> StAla, Bezirksamt/Landratsamt Kelheim 4618 (Nota amigável do Sr. Dieter Schwaiger).

<sup>38</sup> BayHStA, GL Obere und Junge Pfalz, Hema 12, ver Fig. 12.

<sup>39</sup> Friedrich PANZER, Bayerische Sagen und Bräuche. Beitrag zur Deutschen Mythologie 1, p. 74, Munique 1848, p. 74.

forma, o livro de registo de 1837 dá importantes pistas sobre o sítio da fábrica de vidro.<sup>40</sup> A propriedade aqui marcada com o número 1 foi identificada como “fazenda do vidro” (“Glas-Sölde”). A esta fazenda pertenciam quase 20 hectares de terra agrícola – quase metade da superfície do solo de Irlbrunn – incluindo parcelas denominadas “prado da fábrica de vidro” (“Glashüttenwiese”), “campo da fábrica de vidro” (“Glashüttenackerl”) e “prado do poço” (“Brunnenwiese”).<sup>41</sup> Pode-se então concluir que estava lá a fábrica de vidro (ver Fig. 6). O lugar exacto do forno só poderá ser verificado através de escavação.

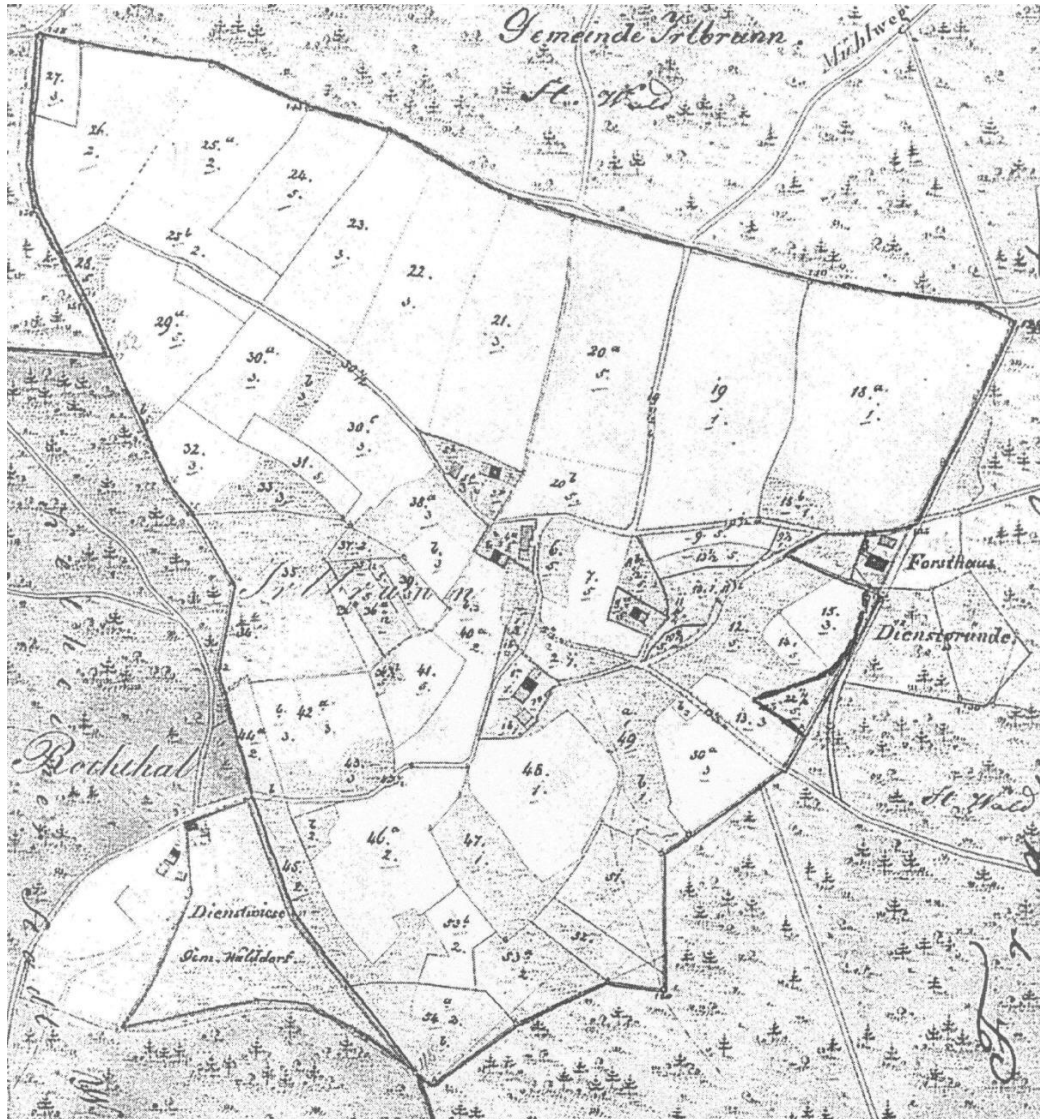


Fig. 6: A clareira de Irlbrunn antes do reflorestamento, com a “fazenda do vidro” (casa no. 1), o “prado da fábrica de vidro” (n. 47), o “campo da fábrica de vidro” (n. 48), o “prado do poço” (n. 49), e a casa da floresta erguida em 1865.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> Para a referencia aos registos do cadastro das propriedades, agradeço particularmente ao Sr. Dieter Schwaiger, Mühlhausen.

<sup>41</sup> StAla, Grundsteuerkataster Kelheimwinzer, 7/29 II-1.

<sup>42</sup> StAla, Forstamt Kelheim Nr. 83.

Chama a atenção a localização de Irlbrunn, estando numa região fronteiriça, como era típica para muitas fábricas de vidro.<sup>43</sup> Na fronteira entre o Eleitorado da Baviera e o Principado de Pfalz-Neuburg como já foi falado. Imediatamente vizinhas a Irlbrunn encontravam-se nada menos do que 5 regiões florestais pertencentes a diversos domínios. Frauenforst faz fronteira com a floresta de Painten, com a floresta Gmeinwald, com a floresta de nome *Bannholz* que pertence à cidade de Kelheim, assim como com a floresta *Bräuantsholz* da cervejaria Eleitoral em Kelheim.



Fig. 7: Vista aérea actual da clareira de Irlbrunn com o contorno da antiga área.

### Irlbrunn após a morte de Jakob Kiesling

Em 1721 Jakob Kiesling tinha sob sua responsabilidade três fábricas de vidro ao mesmo tempo: Rothenbügl, Irlbrunn e Schleichach em Steigerwald. Em Fevereiro de 1723, ele pode passar a última ao seu filho Joseph,<sup>44</sup> que nascera em 1697 em Rothenbügl. Com um contrato limitado a três anos, Jakob Kiesling pelo menos sabia que poderia esperar um futuro mais previsível, e poderia dedicar-se inteiramente às suas duas fábricas de vidro na floresta de Painten e em Frauenforst. Porém, não lhe restava muito tempo. O “*Nobre e engenhoso*” (“*Nobilis et artificiosus*”) mestre vidreiro Jakob Kiesling morreu em 10 de Outubro de 1723, aos 52 anos de uma apoplexia. Como ele não houve mais nenhum nesta região, escreveu o vigário Georg Egger num memorável registo no livro de óbitos. Em 12 de Outubro foi enterrado na igreja de São Jorge em Painten.

<sup>43</sup> Ver LOIBL, nota 11, bem como Zdeněk PROCHÁZKA, Glasindustrie im Böhmischem Wald, Domažlice 2009.

<sup>44</sup> LOIBL, Die Kieslings, nota 10, p. 107.



**Registro de morte de Jakob Kiesling**

10 Oct: [1723]

*Sacris prius debite et devote praesens, his finitis cum pluribus amice conversans aegrotumque aliquem visitans et consolans, domum redire cogitavit. Egressus hic ex hoc oppido vix 500 passus, ex subitanea morte, apoplexia tactus in via corruit Nobilis et artificiosus Dominus Jacobus Kisling ann: 52 GlasMaister in Rothenbichel. Licet sine usu sacramentorum discesserit, de eius felice tamen morte iubet nos optime sperare mansueta, semper resignata, laudabilis, exemplaris eius transacta vita, quae verum omnibus numeris, virtutibusque absolutum Christiana/um expressit. Fuit vir sibi semper idem, secundum votum et cor omnium, verbo: Sibi similem in hac regione non habuit. 12<sup>o</sup> huius sepultus est a me in templo.*<sup>45</sup>

**Tradução portuguesa**

10 Outubro: [1723]

Terminada a celebração religiosa em que, devida e devotamente, participara, e após convívio amigável com muitos e a visita consoladora a um doente, decidiu regressar a casa. Afastando-se desta cidade apenas 500 passos, caiu ao chão por morte súbita, acometido de apoplexia, o Nobre e engenhoso Senhor Jacobus Kisling, com 52 anos de idade e oficial vidreiro em Rothenbügl. Embora tenha partido sem receber os sacramentos, no entanto a respeito da sua tranquila morte impõe-se que esperemos o melhor, atendendo à sua vida exemplar, pacífica, sempre devotada e louvável, pela qual, em todas as circunstâncias e pelas suas virtudes, se revelou como verdadeiro e autêntico Cristão. Foi sempre coerente consigo próprio, segundo o parecer unânime de todos; numa palavra: como ele, ninguém mais apareceu nesta região. A 12 deste mês de Outubro foi por mim sepultado na igreja.

No mesmo ano a Abadessa da Abadia Imperial de Niedermünster e fundadora de Irlbrunn, Johanna Franziska Sibylla von Muggenthal também morreu († 11 de Março 1723<sup>46</sup>). Foi convido-a para ser sua sucessora Maria Katharina Helena von Aham-Neuhaus, (regendo de 1723 a 1757), que mais tarde realizou a precoce e ingrata tarefa de fechar a próspera fábrica de vidro de Irlbrunn.

A fábrica de vidro de Irlbrunn ficou operante após a morte de Jakob Kiesling ainda cinco anos sob sua viúva, Sabina Simbeck (nome de solteira), comprando madeira para a fábrica

<sup>45</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 8, p. 215-216.

<sup>46</sup> Hans WAGNER, Von der Frühmeß zur Pfarrei. 500 Jahre Seelsorgestelle Kelheimwinzer 1482–1982. Heimatgeschichte Kelheimwinzer/Herrnsaal, Kelheimwinzer 1982, p. 287.

de vidro até o fim do ano de 1728.<sup>47</sup> Possivelmente a carta de arrendamento da abadia ia só até este ano, mas o conteúdo desta carta não é conhecido. Sabina Kiesling morreu aos 61 anos em 15 de Dezembro de 1729.<sup>48</sup>

Já após a morte de Jakob Kiesling, Johann Georg Fuchs, que trabalhara sob Kiesling durante oito anos, como supervisor em Irlbrunn, candidatou-se como sucessor do arrendamento da fábrica de vidro.<sup>49</sup> Antes de Fuchs se encontrar empregado sob Kiesling, ele havia trabalhado de 1702 a 1705, como vidreiro, em Schleichach e entre 1712 e 1717, também como vidreiro, em Schellert, perto de Neustadt an der Aisch.<sup>50</sup> Por volta de 1718, deve ter-se ocupado como sucessor de Johann Georg Dorner,<sup>51</sup> até então supervisor de Irlbrunn. Na sua carta de solicitação de arrendamento, que felizmente foi preservada, Fuchs fala de um declínio em Irlbrunn e de duradoras interrupções da produção sob a administração da viúva de Kiesling, Sabina, devido a suprimentos insuficientes de vários materiais, madeiras e outros (por causa disso a fábrica de vidro ficava parada mais da metade do ano). Apesar disso a candidatura de Johann Georg Fuchs foi negada e Sabina Kiesling permaneceu como arrendatária oficial até 1728. Apenas o seu filho Johann Balthasar teve sucesso em tomar as rédeas da fábrica de vidro.

### **Nova retomada sob Johann Balthasar Fuchs**

A partir de 1728 encontrámos Johann Balthasar Fuchs em Irlbrunn como novo arrendatário. Na contabilidade da madeira dos guardas-florestais de Niedermünster, referem-no como mestre vidreiro Balthasar Fuchs, de Irlbrunn.<sup>52</sup> Johann Balthasar nasceu a 10 de Outubro de 1702, em Schleichach, Steigerwald, e mudou-se para Irlbrunn, depois de estar estado em Schellert, com seus pais e irmãos.<sup>53</sup> Os Fuchs, assim como os Kieslings e os Bergers, eram membros de famosas famílias vidreiras identificadas em numerosas fábricas de vidro, desde 1523.<sup>54</sup>

Johann Balthasar Fuchs não ficou a dever nada como mestre vidreiro e empresário ao seu antecessor, o bem sucedido Jakob Kiesling. Sob sua direcção, a fábrica de vidro de Irlbrunn viveu uma nova retomada. Foram entregues, por exemplo, carregamentos em Ansbach, onde o arquitecto Leopoldo Retti pediu vidro plano para janelas, para a construção da

<sup>47</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien, 29, fol. 6v.

<sup>48</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 8, p. 221.

<sup>49</sup> BayHStA, KL Regensburg-Niedermünster, 110.

<sup>50</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11, p. 526.

<sup>51</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 1, p. 119 e 120.

<sup>52</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien, 30, fol. 32v.

<sup>53</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11, p. 527.

<sup>54</sup> Ver BLAU, Glasmacher 2, nota 9, p. 60.

residência do marquês.<sup>55</sup> Em Janeiro de 1732, Retti pela primeira vez, relatou ter recebido algumas amostras dos vidros de Ratisbona.<sup>56</sup> Entre elas encontravam-se também os chamados vidros polidos (*“geschliffene Spiegel Gläser”*), que deveriam ser as vidraças de melhor qualidade e de maior transparência.<sup>57</sup> Em Outubro do mesmo ano estava confirmada a encomenda dos vidros necessários à nova aba do palácio de Ansbach. Como fornecedor foi citado o mestre vidreiro Balthasar Fuchs de Irlbrunn, não muito longe de Ratisbona.<sup>58</sup> Uma outra aplicação de 720 placas do imponente vidro branco de Ratisbona feito em Irlbrunn, foi documentada em Setembro de 1737.<sup>59</sup>



Fig. 8: A fachada sudeste da residência do marquês de Ansbach, que foi revestida com vidraças de Irlbrunn. (Foto de 1961).<sup>60</sup>

Não restaram números concretos sobre o pessoal empregado em Irlbrunn. Um indício da retomada da fábrica de vidro sob Balthasar Fuchs é o número de nascimentos em Irlbrunn, que alcançou o seu maior valor entre 1730 e 1737.<sup>61</sup>

<sup>55</sup> Josef MAIER, *Residenzschloss Ansbach. Gestalt und Ausstattung im Wandel der Zeit*, Ansbach 2005, p. 182-183.

<sup>56</sup> Staatsarchiv Nürnberg (À frente designado: StAN): Fstm. Ansbach, Markgräfliche Bauamtsakten, Nr. 476 A, Prod. 12.

<sup>57</sup> Ver LOIBL, Terminologie, nota 31, p. 105.

<sup>58</sup> StAN: Fstm. Ansbach, Markgräfliche Bauamtsakten, Nr. 476 A, Prod. 16.

<sup>59</sup> Ibidem, Prod. 78.

<sup>60</sup> Foto: Trond Strandsberg, 2003.

<sup>61</sup> BZAR, livros das paróquias de Painten e Saal.

### Disputas com Rothenbügl

Quanto mais bem sucedido Fuchs era como mestre vidreiro, mais ele se envolvia em conflitos que surgiram da concorrência com a manufatura vizinha de Rothenbügl. A relação com Rothenbügl mudou desde a morte de Kiesling. A condução de ambas as fábricas de vidro, apesar da diferença de domínio territorial, estava concentrada numa mão, a de Kiesling, mas as duas começaram uma concorrência tão amarga com o arrendamento de Irlbrunn por Fuchs, que chegava a reflectir-se na vizinhança.

O adversário de Johann Balthasar Fuchs era o novo proprietário da fábrica de vidro de Rothenbügl, Georg Ferdinand Degenmayer, neto do fundador de Rothenbügl e filho único do primeiro casamento de Sabina Kiesling com Franz Degenmayer. O licenciado Georg Ferdinand Degenmayer era o legítimo herdeiro da fábrica de vidro de Rothenbügl, que era dirigida até 1723 pelo seu padraсто. Ele nasceu em 1692, em Rothenbügl e era o único dono da fábrica de vidro desde a morte de sua mãe em 1729. Degenmayer tinha já atrás de si uma carreira notável. Em 1710 aparece nas matrículas da universidade de Ingolstadt como *“Degenmayr Georgius, Paintensis Palatinus, logicae studiosus”* (*“Georg Degenmayer, de Painten no Palatinado, estudante de lógica”*). Com quarenta anos já era Conselheiro Eleitoral e assim, membro do governo em Neuburg.

Como era óbvio, a nova fábrica de vidro em Irlbrunn deveria ser um espinho cravado na carne do jovem Georg Ferdinand Degenmayer, que o seu padraсто havia construído para a segurança dos seus filhos legítimos, e que iria um dia concorrer com Rothenbügl.

### Intervenções oficiais (1726–1736)

Nos anos de 1726 a 1733, encontram-se nos arquivos evidências sobre conflitos contínuos entre a fábrica de vidro de Irlbrunn e as autoridades judiciais do Eleitorado. Numa cláusula da aprovação da produção de 1714, procurou-se regular o derrube de árvores pelo pessoal da fábrica de vidro e finalmente em 1730 a vidreira reduziu a uma medida que comprometia a produção numa empresa organizada. A madeira de Frauenforst não podia ser mais utilizada pela fábrica de vidro, apenas a madeira já *“derrubada”* poderia ser aproveitada em Irlbrunn. Além disso, foi proibida a construção de novas casas. Esses mesmos documentos também relatam que estas instruções foram transgredidas numa base regular, aparentemente com a conivência ou consentimento da Abadia assim como de seus administradores florestais.<sup>62</sup>

<sup>62</sup> StALa, Rentkastenamt Straubing A 50.

O conflito atingiu seu auge no ano de 1733, quando Georg Ferdinand Degenmayer dirigiu uma carta de queixa ao tesoureiro de Straubing, Barão Johann Konrad von Verger, que levou a reclamação directamente às autoridades de Kelheim. Degenmayer apelou ao governo de Munique e ao escritório de finanças de Straubing em 14 de Outubro de 1730 e 9 de Janeiro de 1733, segundo os quais mais nenhuma árvore poderia ser derrubada para a fábrica de vidros de Irlbrunn e afirmou, que desde então uma grande quantidade de madeira nova foi derrubada para o forno. Degenmayer pediu então para se observar cuidadosamente as resoluções do governo e tomar as medidas pertinentes para que nem a madeira da floresta de Kelheim (Gmeinwald) e nem mesmo a de Frauenforst fosse derrubada para Irlbrunn. O facto de Degenmayer conhecer os dados e o conteúdo das ordenanças do governo pressupõe que ele mantinha as melhores ligações com Munique. Para enfatizar a seriedade de sua petição, Degenmayer mencionou que tinha-se encontrado recentemente com Sua Alteza Eleitoral da Baviera em pessoa e submeteu a sua petição para a correcção imediata e definitiva da questão. O documento é identificado e datado, “fábrica de vidro perto de Painten em Nordgau, a 10 de Fevereiro de 1733” e leva a assinatura: “Licenciado Georg Ferdinand Degenmayer, conselheiro Palatinado Eleitoral e proprietário da fábrica de vidro citada acima (por mão própria)”.<sup>63</sup>

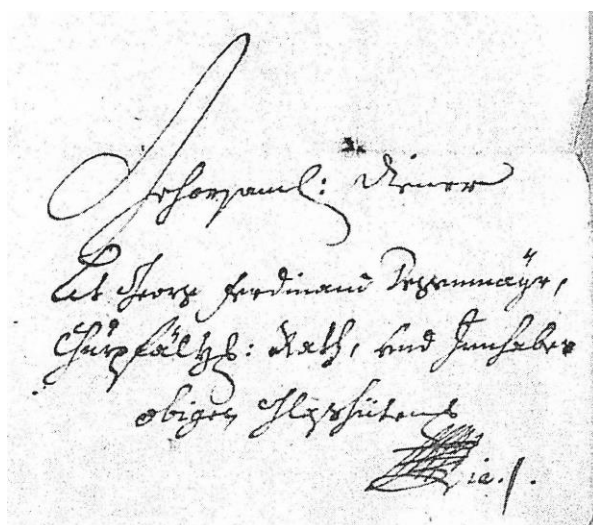


Fig. 9: Assinatura de Georg Ferdinand Degenmayer na carta de queixa ao tesoureiro Ferdinand Freiherr von Verger, de 10 de Fevereiro de 1733.<sup>64</sup>

Em 21 de Março de 1733, seguiu um documento do Duque Karl Albrecht ao tesoureiro von Verger em relação às instruções anteriores assim como às várias queixas de Degenmayer sobre violações contínuas. Von Verger foi solicitado com termos invulgarmente fortes a

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Ibidem.

parar o derrube das árvores. O decreto terminou com uma séria ameaça de um recurso em caso de futuras omissões.<sup>65</sup>

Porem, Johann Balthasar Fuchs sabia utilizar a situação fronteira da sua fábrica de vidro e comprou lenha da floresta vizinha de Painten. O inverno tempestuoso de 1732/33, também o ajudou, pois derrubou uma grande quantidade de árvores, e a administração florestal de Painten estava interessada em vender a lenha excessiva acumulada ao preço mais alto possível.<sup>66</sup>

Mas Degenmayer não se cansava de se queixar da incômoda concorrência em Irlbrunn. E ele fez isso em várias frentes. Então valeu-se também da sua posição e de seu status como membro do governo de Neuburg. Assim suas queixas não eram dirigidas apenas à autoridade responsável por Irlbrunn em Munique, mas também a Straubing, respectivamente. Em um documento de 6 de Setembro de 1733, queixou-se ao seu Príncipe Eleitor, Karl Philipp, cujo governo ele fazia parte em Neuburg e em cujo território se encontrava também a floresta de Painten, assim como a sua própria fábrica de vidro em Rothenbügl. Reclamou que 300 carradas de madeira arrancadas da floresta de Painten por uma tempestade no inverno passado teriam sido vendidos aos inquilinos Fuchs da fábrica de vidro Niedermünster, sem que fosse oferecido a ele “*Degenmayer, um nativo e dono de um título hereditário*”. Além do mais, a madeira vinha de uma região para qual foi concedida a transferência de sua fábrica de vidro, enquanto que a madeira derrubada oferecida a ele estava localizada “*em valas de difícil acesso*”. Isto tornou a transferência, que também fora ao seu pai<sup>67</sup>, impossível. Ele argumentou que a venda da madeira ao empresário “*estrangeiro*” da fábrica de vidro de Irlbrunn foi o mais grave, pois o concorrente estava interessado no enfraquecimento da sua empresa. Degenmayer escreveu que era “notório que essas pessoas Fuchs, mesmo em seu próprio país, a Baviera, já não são fornecidas nem mesmo o mínimo de madeira, e que, por causa deles, quatro ordens governamentais com expressões duras foram enviadas para o escritório de finanças de Straubing. O pior é que o inquilino Fuchs das fábricas de vidro de Niedermünster está cortando árvores que estão de pé, junto com madeira derrubada, para as quais cinco homens são usados diariamente”. Além disso, Degenmayer argumenta que “*aqueles Fuchs sem escrúpulo*” queimavam ilegalmente madeira para obterem cinzas, na floresta de Painten, usando 3 a 4 homens. Não menos importante, ele acusou os guardas-florestais da floresta de Painten de

---

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> StAAm, Reg. Kammer der Forsten, 531.

<sup>67</sup> A isso se refere em 1723 o falecido padastro Jakob Kiesling.

terem sido subornados pelo inquilino de Irlbrunn, e anunciou que iria apelar pessoalmente às autoridades de Neuburg, dentro de uma quinzena.<sup>68</sup>

### **A comissão investigadora de Neuburg de 1735**

Na primavera do ano de 1735, o Conde Palatino Karl Philipp criou uma comissão de investigação em Painten, que deveria apurar as contínuas queixas de Degenmayer contra o inquilino da fábrica de vidro de Irlbrunn. Aí, foram constatadas irregularidades em relação à venda de 300 carradas de lenha da floresta de Painten. Johann Balthasar Fuchs foi acusado de ter derrubado um total de 392 ½ carradas de madeira verde ao invés dos 300 permitidos. Além do mais ele não cortou apenas as madeiras derrubadas pelo vento, mas também a madeira de pé, dentre as quais faias. Ficou decidido que ele deveria pagar 45 cruzados em vez dos acordados 30 cruzados por carrada, e para uma quantidade total de 392 ½ carradas. Antes do pagamento a madeira não poderia ser transportada.<sup>69</sup>

A nota conclusiva do governo local de Neuburg saiu em 3 de Agosto de 1736. Referente ao relatório da comissão investigadora foi imposta uma multa correspondente aos custos causados por esta comissão, que somam 168 florins e 58 cruzados. Isto deveria ser colectado pelo comissário de Hemaue e administrador florestal de Painten, Franz Joseph von Pfister. Foi confirmado ainda que não só muitas árvores foram derrubadas, mas também que as medidas estavam maiores do que deveriam. É digno de nota que a comissão certificou-se que os guardas-florestais de Painten, Dorner e Finder toleraram todas estas violações e *“não corrigiram no mínimo ou preveniram os danos, como teria sido o seu dever”*. Adequadamente, a multa foi dividida em seis partes de 28 florins, 9 cruzados e 6 centavos. Incrivelmente o arrendatário, Fuchs, deveria pagar apenas um sexto da multa. Outro sexto deveria ser pago pelo guarda-florestal de Painten, Finder. O guarda-florestal, Dorner, recebeu a maior parte da multa, 2 sextos, porque ele tinha conhecimento e visto tudo, mas não fez o mínimo para o parar. Outro sexto cabia ao denunciante, Georg Ferdinand Degenmayer, porque ele exagerou em suas denúncias, e as violações verificadas eram de volume menor do que o relatado por ele. O sexto restante ficaria com o administrador, von Pfister. Isto foi para o fazer entender que ele não cumpriu seu dever como administrador da floresta de maneira satisfatória. Consequentemente, este também foi advertido a observar melhor seu dever. Além disso, foi convencionado que o inquilino das fábricas de vidro de Irlbrunn, Fuchs ficaria com 392 ½ carradas de madeira mediante o pagamento de uma taxa de 75 florins além dos 150 florins do preço de compra das 300

---

<sup>68</sup> StAAm, Reg. K.d.F. 531.

<sup>69</sup> Ibidem.



carradas. Relativamente às 92 ½ carradas excedentes, Fuchs deveria pagar ainda 30 cruzados por cada.<sup>70</sup>

Os vários apadrinhamentos nos baptismos infantis do pessoal da fábrica de vidro de Irlbrunn mostram o relacionamento da família do guarda-florestal de Painten, Johann Georg Dörner, com os trabalhadores da fábrica de vidro de Irlbrunn. De 1716 a 1738, ele e seu filho e sucessor no cargo público, Zacharias, assim como suas esposas foram padrinhos de nada menos que 8 crianças das famílias de vidreiros de Irlbrunn, Berger, Fuchs, Gebel e Maier.<sup>71</sup>

Tudo isso deve ser visto diante do pano de fundo, porque mesmo Georg Ferdinand Degenmayer nunca respeitou inteiramente as leis relacionadas com a floresta e nem as condições gerais de sua carta de herança. Entre outros, durante um grande período de tempo trabalhou-se com a carrada com o dobro do tamanho e assim o preço de facto reduziu-se pela metade. Depois, Degenmayer também fazia carvão e cinza de forma ilegal na floresta de Painten. Tudo isto pode ser encontrado em protocolos de julgamentos e audiências dos anos da década de 1730. O guarda-florestal de Painten tinha instruções para prender os produtores de cinza de Degenmayer, se fossem novamente surpreendidos em tais irregularidades.<sup>72</sup>

### **Candidatura de Johann Balthasar Fuchs para Schleichach**

Johann Balthasar Fuchs parece ter levado à sério a duradoura controvérsia com relação ao suprimento de lenha, e viu que poderia trazer perigo para o funcionamento da sua fábrica de vidro. Os seus temores foram tão longe que ele chegou a procurar novos campos de trabalho. Assim candidatou-se em 1734, para a fábrica de vidro de Steigerwald, já que lá, Joseph Kiesling, filho de Jakob Kiesling fora readmitido em 1732, devido a uma mudança na produção e dificuldades técnicas ligadas a essa adaptação. As ligações entre Schleichach e as manufacturas de vidro de Irlbrunn e Rothenbügl nunca foram interrompidas desde o início de actividade de Jakob Kiesling em Steigerwald. Em Schleichach trabalhavam parentes de Johann Balthasar Fuchs, assim como, Kaspar Berger, um irmão do vidreiro de Irlbrunn, Johann Adam Berger, e também o fabricante de vidros ocos, Franz Gallus Preisler, irmão de um mestre vidreiro de Rothenbügl.<sup>73</sup> O lapidário, Johann Georg Preisler também esteve em Schleichach antes de ir para Irlbrunn.<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> Ibidem.

<sup>71</sup> BZAR, KB Painten.

<sup>72</sup> StAam, Reg. Kammer der Forsten, 531.

<sup>73</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 577.

Sobre a candidatura de Fuchs a Schleichach, o arquivo estatal de Würzburg possui um documento datado de 01 de Julho de 1734. “*Balthasar Fuchs, mestre vidreiro da fábrica de vidro de Erlabronn (Irlbrunn), perto de Ratisbona, território do Principado de Niedermünster*” oferece-se para comprar ou para alugar a fábrica de vidro de Schleichach. Ele afirmava ser capaz de fazer todos os tipos de vidros e espelhos, excepto o “*vidro francês*” (também conhecido como *Mondglas*), e também menciona encomendas de vidro de Ansbach a ele, das quais ele gostaria de mandar amostras.<sup>75</sup>

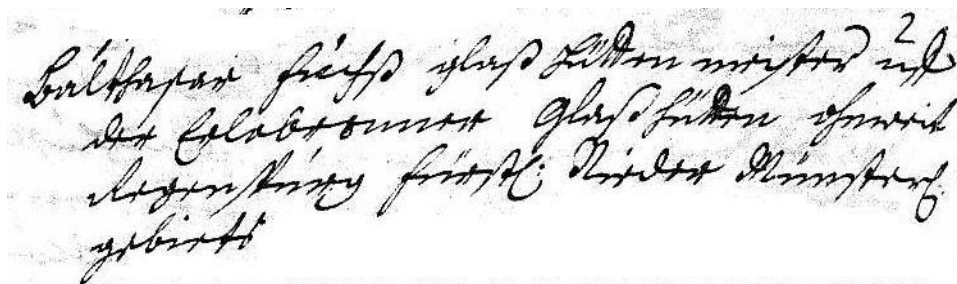


Fig. 10<sup>76</sup>

Contudo, Johann Balthasar Fuchs não era o único interessado. Também Kaspar Berger e o antigo inquilino, Joseph Kiesling se candidataram. Mas o governo do Príncipe-bispado de Würzburg, a quem a fábrica de vidro de Schleichach respondia, tinha outros planos e estava quase decidido a fazer com que a manufactura produzisse o chamado vidro *Mondglas*, assim Fuchs estaria fora de cogitação.<sup>77</sup>

### **Novo contrato de arrendamento para Johann Balthasar Fuchs**

Após a sua mal sucedida candidatura a Schleichach, Fuchs reuniu-se em 1735, com a Abadia Imperial de Niedermünster para um novo prolongamento do seu contrato de arrendamento. A fábrica de vidro de Irlbrunn seria confiada a ele por mais seis anos – até o Pentecostes de 1741. Além disso, a encomenda de lenha necessária à operação da fábrica de vidro foi garantida. A quantia anual necessária foi estimada em 300 carradas de lenha. Além do mais, Fuchs deveria agora pagar o preço praticado no mercado de 30 cruzados por carrada. Isso representava o triplo do custo da energia. Até, pelo menos 1731 era cobrado por carrada apenas 10 cruzados.<sup>78</sup>

<sup>75</sup> StAWü, H.K.P. 1734, fol. 310v (A referencia a esta fonte devo ao Sr. Werner Loibl, Gauting).

<sup>76</sup> Trecho de StAWü, H.K.P. 1734, fol. 310v.

<sup>77</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11.

<sup>78</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 32 e 33, fol. 6v.

### O fim da fábrica de vidro de Irlbrunn

A fundação da fábrica de vidro de Irlbrunn deu-se sob condições políticas específicas, notavelmente à ocupação da Baviera durante a guerra de sucessão espanhola, e ao favor da administração imperial. O seu encerramento deu-se também graças à forte intervenção política. O facto de que a empresa fora fundada contra o desejo da administração de Kelheim e passado por cima da administração ducal de Straubing e de Munique respectivamente, através da ocupação imperial pode ter tido um papel fundamental.

Os esforços iniciais por parte das autoridades ducais para encerrar a fábrica de Irlbrunn verificaram-se a partir de 1726. Como razão, foi dito que ela infligia a floresta e provocava danos excessivos na caça. Na verdade, porém, deve ter desempenhado um papel importante o facto de a autorização ter sido aprovada na época pela ocupação imperial contra a vontade da autoridade de Kelheim e também por as autoridades ducais de Munique e Straubing se sentirem deixadas de fora.

Por último concluiu-se que as árvores que estavam de pé e caídas entre Irlbrunn e a fronteira com a floresta de Painten poderiam ser consumidas. No ano de 1740, finalmente o governo de Munique declarou que não apenas estes trechos de florestas foram exauridos, mas também a floresta vizinha de *Bannholz*, propriedade da cidade de Kelheim, estavam quase totalmente arruinadas.<sup>79</sup> Em 26 de Março de 1740, foi publicada a ordem do Príncipe Eleitor Karl Albrecht para o governo em Straubing proceder ao encerramento da fábrica de vidro. Era pretendido prevenir que “a *totalidade das florestas*” e os campos de caça fossem arruinados na totalidade pela fábrica de vidro. Finalmente baseou-se na redacção das restrições no acto de concessão da empresa de vidro de 1714, permitindo a Abadia Imperial de Niedermünster em Ratisbona o funcionamento da fábrica de vidro já em funcionamento sob a condição de revogar essa permissão e encerá-la em caso de insuficiência de madeira ou outros defeitos.<sup>80</sup>

O governo em Straubing requereu à abadessa da Abadia Imperial a “*imediatamente encerrar a fábrica de vidro, permitida no tempo da administração imperial*”. O governo instruiu para ser informado quando e como a demolição da fábrica de vidro seria alcançada.<sup>81</sup>

O cumprimento da ordem do Príncipe Eleitor demorou mais de um ano para acontecer. O contrato de arrendamento de Johann Balthasar Fuchs tinha vigência até o Pentecostes de

<sup>79</sup> StALa, Rentkastenamt Straubing A 50.

<sup>80</sup> Ibidem.

<sup>81</sup> Ibidem.

1741 (21 de Maio). A fábrica de vidro comprovadamente continuou a adquirir lenha de Frauenforst: em 1740 foram gastos 409 florins e em 1741, 144 florins, como mostram os registos do então guarda-florestal Mathias Ehrnthaller.<sup>82</sup> Parece que a abadessa não tinha a ideia de fechar a fábrica de vidro antes do término da vigência do contrato. Todos os indícios sugerem que a empresa encerrou suas actividades em Maio de 1741. Hans Wagner registou que o prédio da fábrica de vidro foi derrubado em 1742, por Thomas Türk, ferreiro de Herrnsaal, e 8 trabalhadores por um total de 2 florins e 40 cruzados. Eles relataram que precisaram apenas de um único dia de trabalho duro.<sup>83</sup>

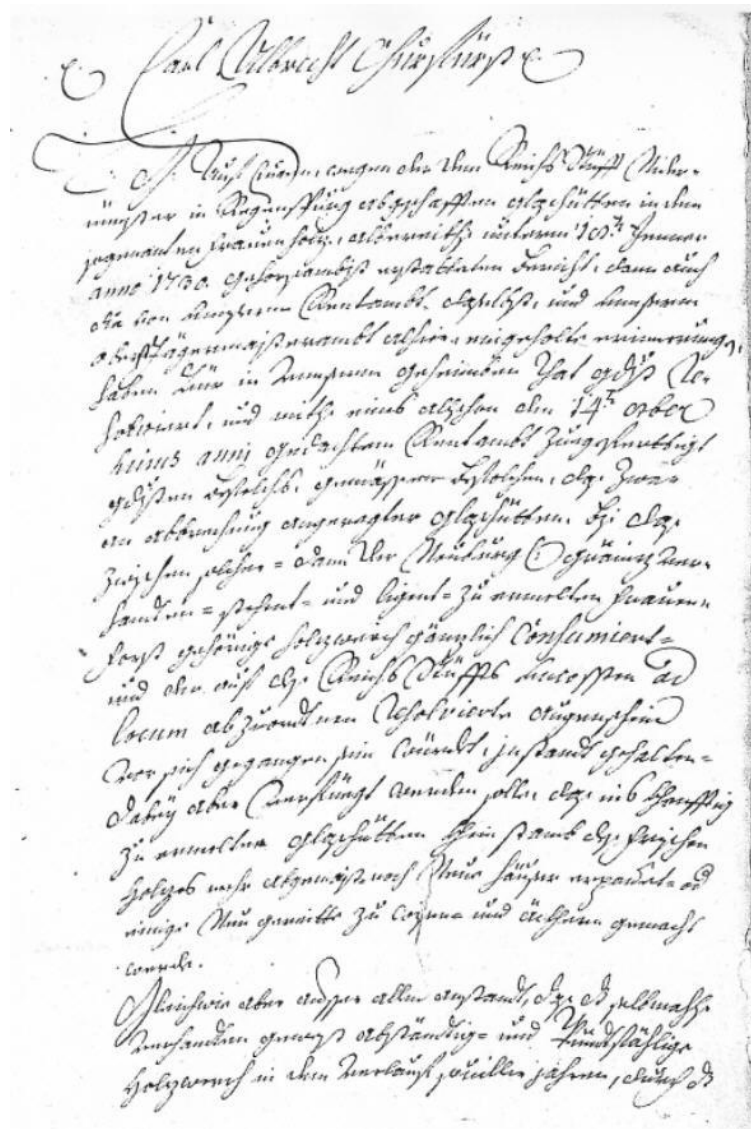


Fig. 11.: Extracto da ordem para encerramento da fábrica de vidro de Irlbrunn de 26 de Março de 1740.<sup>84</sup>

<sup>82</sup> Ver WAGNER, Frühmeß, nota 46, p. 458.

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Ibidem.

Após o desaparecimento da fábrica de vidro e da saída dos vidreiros restaram em Irlbrunn apenas algumas fazendas. Em 1795, elas eram em número de 3.<sup>85</sup> Em 1865/66, foi construída uma casa para actividade de silvicultura (ver Fig. 1)<sup>86</sup> que hoje está vazia. Os outros edifícios desapareceram gradualmente. A última moradia foi demolida em 1975.<sup>87</sup>

### **Razões que estão por detrás o encerramento da fábrica de vidro**

De facto, a ordem do Príncipe Eleitor de 26 de Março de 1740, dá um motivo claro para o encerramento da fábrica de vidro, nomeadamente os danos que esta causava às áreas de caça e à floresta e se baseia na cláusula de concessão da fábrica de vidro datada de 1714. Pode-se sugerir, entretanto, que este fora apenas um pretexto justificável e que possa ter existido vários outros motivos que de facto que levaram à abolição das actividades da fábrica de vidro.

Pode-se perguntar o porquê de se insinuar que a fábrica de vidro de Irlbrunn consumia lenha em excesso. Sua demanda por lenha era claramente menor que Rothenbügl, onde continuou a ser produzido vidro até 1878. A administração florestal do século XVII e XVIII assumia que poder-se-ia usar até uma carrada (*Klafter*) de madeira por “*Jauchert*” (medida em desuso que equivale a aproximadamente 0,6 hectares<sup>88</sup>) de floresta por ano sem que se causasse danos no longo prazo. Assim sendo, a fábrica de vidro de Irlbrunn teria utilizado cerca de 10 a 20 por cento da madeira renovável da Frauenforst. Nós não sabemos ao certo qual quantidade de madeira foi entregue a outros compradores. Mas pode ser dito que a fábrica de vidro sozinha não poderia causar uma falta de madeira. Portanto, devermos perguntar se a Abadia Imperial de Niedermünster e seu guarda-florestal não tinham interesse na preservação da Frauenforst como garantia de rendimentos contínuos. Também não é compreensível ter-se afirmado, que a fábrica de vidro de Irlbrunn pela sua posição na periferia seria mais prejudicial à caça em Frauenforst ou às florestas vizinhas em comparação com a fábrica de vidro de Rothenbügl na floresta de Painten, onde os senhores de Neuburg praticavam a caça regularmente.

Portanto, pode-se supor que por detrás do encerramento da fábrica de vidro de Irlbrunn existiam outros motivos além do que foi dado. Eles podem ter sido de ordem política, quando não pessoais, que contudo podem ser só supostos, porque não existe nenhuma

<sup>85</sup> BayHStA, GL Obere und Junge Pfalz, Hema 12.

<sup>86</sup> StAla, Regierung von Niederbayern, Kdl, 27801: Forstdienstgebäude Irlbrunn (Nota amigavel do Sr. Dieter Schwaiger).

<sup>87</sup> Comunicação pessoal do Sr. Heinz Funk, Ihrlenstein.

<sup>88</sup> Ver Helmut RANKL, Landvolk und frühmoderner Staat in Bayern 1400–1800, Munique 1999, p. 125–128.

declaração oficial sobre isto. Estes motivos residem possivelmente nas circunstâncias nas quais a permissão de operação para Irlbrunn foi concedida. A Baviera estava então ocupada por tropas austríacas há 10 anos e sob a administração imperial. Uma circunstância, que como nós vimos, poderia ser usada pela Abadia Imperial para permitir a fábrica de vidro contra as objecções da administração em Kelheim. E a administração imperial fez seu melhor para conceder esta permissão antes de perder totalmente o seu poder. O então Príncipe Eleitor, cujo pai fora deposto e vivia no exílio, foi sequestrado para uma prisão austríaca junto com os seus irmãos. Ele permaneceu lá mais de 10 anos e voltou aos 17 anos de idade para sua terra natal e para os seus pais. A fundação da fábrica de vidro de Irlbrunn era um resíduo deste tempo e uma herança da administração imperial. Certamente não é estranho assumir que era um espinho na carne do Príncipe Eleitor Bávaro e sua administração.

Tão pouco deve ser visto como acaso que as contínuas diferenças que levaram ao fim de Irlbrunn tenham começado em 1726, e exactamente neste ano, no qual Karl Albrecht subiu ao posto de Príncipe Eleitor da Baviera como sucessor de seu pai. As queixas contínuas do adversário de Rothenbügl, Georg Ferdinand Degenmayer, e suas intervenções junto às autoridades em Munique podem ter contribuído para desacreditar, e finalmente desgraçar a fábrica de vidro de Irlbrunn. As acusações de Degenmayer contra o seu concorrente em Irlbrunn, Fuchs, não causaram nada menos do que o envio de várias comissões de investigação pelo Principado de Pfalz-Neuburg. Tais investigações para além das fronteiras foram certamente não apenas notadas, mas provavelmente também consideradas como perturbadoras ou, pelo menos irritantes pela corte de Munique, porque elas conduziram a um imbróglio político desnecessário.

Então, afinal, a abolição da fábrica de vidro de Irlbrunn teve motivos políticos, ou até mesmo pessoais. Em todo caso aconteceu contra a vontade da Abadia Imperial de Niedermünster. A fábrica de vidro foi fechada, apesar de seu sucesso económico. Ela trouxe renda certa para a Abadia através da venda de madeira e receitas adicionais pelo aluguer anual. Johann Balthasar Fuchs ganhou uma soma considerável em Irlbrunn, caso contrário, ele não se candidataria à compra da manufactura de Schleichach, em 1734, e após o encerramento de Irlbrunn ele não poderia comprar nenhuma outra fábrica de vidro, como veremos a seguir. Não menos importante, a manufactura de Irlbrunn garantiu salário e pão para muitos vidreiros e as suas famílias.

Durante 15 anos a Abadia Imperial defendeu-se das intenções do governo de Munique, assim como passou por cima de suas determinações. O facto de ela ter se dobrado aos

desejos do Príncipe Eleitor Bávaro, está ligado a este estar prestes a suceder ao Imperador Carlos VI, que morreu em Outubro de 1740. A 2 de Janeiro de 1742 o Príncipe Eleitor Karl Albrecht foi escolhido em Frankfurt como rei da Alemanha e em Fevereiro subiu ao trono de Imperador como Carlos VII. Também a Abadia Imperial de Niedermünster Ihe estava subordinada, daqui em diante.

O ano de 1742 não foi fatal somente para a fábrica de vidro de Irlbrunn, mas também para Georg Ferdinand Degenmayer. Não pôde mais desfrutar o seu triunfo de ter alcançado o encerramento de Irlbrunn, pois ele morreu em 8 de Maio de 1742 em Rothenbügl aos 50 anos de idade.<sup>89</sup>

### **Produtos e volume de produção**

Os livros de contabilidade ou outros documentos significativos sobre Irlbrunn não chegaram a nós para estimarmos o significado económico da fábrica de vidro, pelo que devemos recorrer a parâmetros indirectos, tais como dados sobre a quantidade de lenha comprada por a manufactura. Tais legados, existem para os anos de 1728 a 1741, mas com lacunas. Neste tempo foi compra-da uma média de 360 carradas de madeira por ano de Frauenforst, onde as quantidades anuais oscilaram de 100 a 581 carradas.<sup>90</sup>

Estes números possibilitam uma, talvez rude, comparação com outras fábricas de vidro: Rothenbügl comprou no período de tempo que vai de 1690 a 1715 uma média de 1257 carradas por ano.<sup>91</sup> Estes números, porém, devem ser tratados com grande reserva, pois a medição da carrada não era convencionado e às vezes era objecto de quezílias.<sup>92</sup> Além do mais deve-se levar em consideração que a fábrica de vidro de Irlbrunn utilizava, adicionalmente, não só madeira da floresta de Painten, mas também de outras florestas vizinhas. Os números sobre a compra da lenha permitem, porém, estimar que a produção de vidro em Irlbrunn era manifestamente inferior à de Rothenbügl ou de Schleichach, onde a média anual de consumo de madeira era de 2200 carradas.<sup>93</sup>

Não restaram muitos registos sobre o volume de produção da fábrica de vidro de Irlbrunn, tão pouco restaram indicações sobre o modo e a qualidade dos objectos de vidro lá fabricados. Também aqui somos deparados com dados escassos e ocasionais. Nós sabemos através do legado fragmentado das contas do guarda-florestal de Frauenforst, de

<sup>89</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 8, S. 252.

<sup>90</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 29 f.

<sup>91</sup> BayHStA, MF 13425 (Nota amigavel do Sr. Werner Loibl, Gauting).

<sup>92</sup> StAam, Reg. Kammer der Forsten, 531.

<sup>93</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11, p. 669.



carregamento de vidro para a própria Abadia Imperial de Niedermünster. Em 1728 foram entregues 52 placas de vidro branco e seis garrafas de Irlbrunn. Para o castelo de Niedermünster em Kelheimwinzer foram entregues 100 placas de vidro para janela e 6 copos altos de vidro.

*Der Glashitten Maister zu Irlprunn Balthasar Fux hat auf Geistl. Anbefelchung 52 weisse Tafel Stuckh à 15 kr., dan 6 Pudeln, iede per 12 kr., und ins Schlössl Khelhaimbwünzer 100 durchsichtige Fensterscheiben per 1 f. 12 kr., item 6 gmain Stutzen Gläser iedes per 4 kr. hergeben, thuet Ihme bezalt werden 15 f. 48 kr.*<sup>94</sup>

Em 1735 foram facturados vidros para uma carruagem e garrafas na Abadia Imperial.

*Johann Balthasar Fux Glasmaister zu Irlprunn im Frauenforst bekhennt in nebenligenten Schein vor die zum Hochfrstl. Reichs Stüfft anverlangtermassen ybersendte 2 Stuckh grosser Gutschenglässer à 2 ½: 5 f. dann vor 4 Stuckh kleinere nach 1: 4 f. unnd umb 6 Stuckh grosse Putellen 1 f., in Summa also empfangen zu haben. 10 f.*<sup>95</sup>



Fig. 12: O castelo de Kelheimwinzer, que foi revestido com novas vidraças de Irlbrunn, em 1728.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 30, fol. 32v: “O mestre vidreiro de Irlbrunn Balthasar Fux entregou a encomenda do clérigo, 52 painéis cada um por 15 cruzados e depois 6 garrafas, cada uma por 12 cruzados e no castelo de Kelhaimbwünzer 100 vidros translúcidos para janela por 1 florim e 12 cruzados. E também 6 copos altos de vidro normais por 4 cruzados cada, e foi-lhe pago no total 15 florins e 48 cruzados”.

<sup>95</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 33, fol. 26: “Johann Balthasar Fux, mestre vidreiro em Irlbrunn na Frauenforst, reconhece ter recebido no total de 2 pedaços Grandes de vidro para carruagem a 2 ½ florins: 5 florins e depois 4 menores por 1: 4 florins e 6 garrafas grandes por 1 florim, como encomendados e fornecidos à Abadia Imperial, 10 florins.”.

<sup>96</sup> Michael WENING, por volta de 1700.

Com esses dados escassos sabemos que Irlbrunn produzia além de vidros ocos (garrafas e copos, também vidro plano (placas). Sobre a encomenda de vidraças para a Residência de Ansbach dos anos de 1732 a 1737, já foi relatado. Isso pode servir de garantia que a qualidade do vidro manufacturado em Irlbrunn correspondia a padrões elevados e que as vidraças não eram uma parte insignificante da produção. Como sucessor de Johann Balthasar Fuchs para concluir a encomenda de vidro para a residência de Ansbach, não se candidatou ninguém menos do que Balthasar Neumann (1687–1753),<sup>97</sup> no ano de 1740, que era um arquitecto famoso, e que desde 1737 tinha assumido a fábrica de vidro de Schleichach.<sup>98</sup>

### **De onde vieram os vidreiros de Irlbrunn?**

Como aconteceu em Rothenbügl, Irlbrunn dispunha de uma mão-de-obra qualificada que vinha de outras fábricas de vidro e podia contar com sua experiência profissional. Os seus nomes estão registados nos livros paroquiais de Painten e Saal, devido alguns terem casado, baptizado os filhos ou terem tido seus óbitos ali. A maioria dos vidreiros já era casado quando chegou em Irlbrunn ou então permaneceram solteiros, não existindo registos de casamento com os dados de proveniência, nesse sentido só sabemos apenas acerca de alguns, donde vieram assim como onde trabalharam antes.

A seguir devemos citar novamente Jakob Kiesling, que nós já vimos ter vindo de Seewiesen no oeste da Boémia. Para o recrutamento de sua equipa em Irlbrunn ele utilizou as suas ligações em sua terra natal e sobretudo na Francónia. De lá ele trouxe o mestre vidreiro Johann Georg Fuchs, a quem ele transferiu a gestão da fábrica de vidro em Irlbrunn.

De Schleichach veio Johann Adam Berger, um filho do fundador da fábrica de vidro de lá.<sup>99</sup> Berger era casado e estava na casa dos trinta anos de idade, quando ele aceitou o trabalho em Irlbrunn. Originalmente os Berger vieram do sul da Floresta Bávara, onde o próprio Johann Adam Berger deve ter nascido por volta de 1678. A carreira profissional levou-o seu pai a Munique e ao Príncipe-bispado de Kempten na Steigerwald.<sup>100</sup> Johann Adam Berger pertenceu desde o início ao pessoal do quadro da fábrica de vidro de Irlbrunn, onde morreu a 02 de Agosto de 1738 de um acidente vascular cerebral.<sup>101</sup>

<sup>97</sup> StAN: Fstm. Ansbach, Markgräfliche Bauamtsakten, Nr. 476 A, Prod. 87a.

<sup>98</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 510-511.

<sup>100</sup> Ver Werner LOIBL, Neues vom Gründer von Fabrikschleichach, em: Rauhenbracher Jahrbuch 2004, p. 33-72.

<sup>101</sup> BZAR, KB Saal, Bd. 4, p. 146.

Também o lapidário de vidro Johann Georg Preisler, um parente do mestre vidreiro de Rothenbügl, Veit Preisler, tinha trabalhado em Schleichach antes de se mudar para Irlbrunn.<sup>102</sup>

Como fundidor em Irlbrunn encontramos Johann Wilhelm Greiner, um descendente de uma das famílias de vidreiros mais difundidas e conhecidas, o que torna incerto de onde ele veio. Talvez ele venha de um ramo dos Greiner que dirigia a fábrica de vidro de Konstein, em Pfalz-Neuburg, de onde também veio Michael Degenmayer, o fundador de Rothenbügl.

Os nomes de muitos outros vidreiros em Irlbrunn estão ligados directa ou indirectamente com as fábricas de vidro da terra natal de Jakob Kiesling, na fronteira entre a Baviera e a Boémia. Dentre esses nomes estão Landgraf e Nachtmann. Uma excepção é representada por Georg Hahn, também empregado em Irlbrunn. Ele não veio de nenhuma família de vidreiros, aliás, era filho de camponeses de Painten. Como o seu irmão Ulrich, ele também formou-se vidreiro em Rothenbügl e chegou mesmo a ser fundidor. A partir de 1736, ele encontrava-se em Irlbrunn como sucessor de Wilhelm Greiner.<sup>103</sup>

Johann Balthasar Fuchs, que foi arrendatário de Irlbrunn a partir de 1728, era filho de Johann Georg Fuchs e nasceu em 1702 em Schleichach.<sup>104</sup> Além dele, outros tinham este sobre-nome em Irlbrunn, dos quais se pode presumir um parentesco com o arrendatário, mas nada que possa ser afirmado. Entre eles estão Michael Fuchs, Leonhard Fuchs, e Ulrich Fuchs com suas respectivas famílias.<sup>105</sup>

### **Laços de parentesco com Rothenbügl**

No século XVIII e antes, os relacionamentos entre as fábricas de vidro eram fortemente marcados por laços de parentesco. Os vidreiros eram uma comunidade consideravelmente fechada. A profissão era passada de pais para filhos. São raros os casos de pessoas que se tornaram vidreiros sendo os seus pais outro tipo de profissional, como é o caso dos irmãos Hahn, de Painten, que descendem de uma família de agricultores. Em muitas fábricas de vidro trabalhavam juntos pais e filhos, irmãos e primos. Isso também acontecia em Irlbrunn. Assim, por exemplo, o número de vidreiros com o nome Fuchs em Irlbrunn é ainda incerto. Também G. F. Degenmayer denominou os Fuchs como um todo, quando ele falou da sua concorrência. As relações comerciais e tecnológicas entre as fábricas de vidro, que às vezes

<sup>102</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11, p. 577.

<sup>103</sup> BZAR, KB Painten.

<sup>104</sup> Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 11, p. 527.

<sup>105</sup> BZAR, livros das paróquias de Painten e Saal.

ficavam distantes uma das outras, em muitos casos, só podem ser compreendidas hoje através desses laços de parentesco. Neste contexto, as relações de parentesco entre os vidreiros de Irlbrunn, especialmente com a vizinha Rothenbügl também merecem um olhar mais atento.

Supõe-se que entre as famílias de vidreiros em Irlbrunn e Rothenbügl tenha existido muitos laços privados e de parentesco e eles se desenvolveram ainda mais na época da existência simultânea das duas fábricas de vidro. É perceptível, acima de tudo, que isto se tenha mantido sem interrupção apesar da rivalidade crescente e contínuas quezílias entre as duas manufacturas. Pouco é de se estranhar que durante a primeira fase da fábrica de vidro de Irlbrunn, quando esta estava intimamente ligada a Rothenbügl através de Jakob Kiesling, tenha sempre havido baptismos de crianças de Irlbrunn onde os padrinhos eram oriundos de Rothenbügl e vice-versa. Mas, também durante a direcção de Johann Balthasar Fuchs, não existiu nenhuma mudança. Por exemplo, em 1733, Anna Maria Degenmayer foi madrinha de uma criança Fuchs. O mestre vidreiro Veit Preisler de Rothenbügl e a sua mulher apadrinharam as crianças de Joseph Gauderer de Irlbrunn. Os Preisler de Rothenbügl certamente também foram padrinhos das crianças de Johann Georg Preisler, que trabalhava em Irlbrunn. Isto só para citar alguns exemplos.<sup>106</sup> No sentido inverso, o casal de Irlbrunn, Ulrich e Benigna Fuchs, também foram padrinhos de baptismos de crianças de Rothenbügl.<sup>107</sup>

Espanta pouco que houvesse, encorajado por estes laços de parentescos, também vários exemplos de troca de lugar e emprego entre Irlbrunn e Rothenbügl em ambos os sentidos. Permanece incerto qual significado que o casamento do mestre vidreiro de Degenmayer, Veit Preisler, tem neste contexto. Este casou-se a 30 de Janeiro de 1735, após a morte da sua primeira mulher, com a irmã do concorrente de Irlbrunn, Johann Balthasar Fuchs.<sup>108</sup> A noiva, Eva Rosina Fuchs, vinha, como seu irmão, da fábrica de vidro de Schleichach em Steigerwald. Assim estavam os mestres vidreiros das manufacturas concorrentes unidos por um laço matrimonial. Pode-se concluir desta ligação, que as relações pessoais entre as duas fábricas de vidro não sofreram influência e nem atenuaram o conflito que existia entre elas.

Após a demolição da fábrica de vidro de Irlbrunn, Veit Preisler vendeu a fazenda restante da sua sogra enviuvada, Christina Fuchs, assim como também a sua propriedade.<sup>109</sup> Esta

<sup>106</sup> BZAR, KB Saal, Bd. 1, Fiche 10.

<sup>107</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 1, p. 187.

<sup>108</sup> BZAR, KB Painten, Bd. 8, p. 72.

<sup>109</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg Niedermünster, Archivalien, 592 (15.07.1742) e 593 (04-09-1742).

propriedade, posteriormente recebeu o nome de “Fazenda do Vidro” (“Glas-Sölde”).<sup>110</sup> Christina Fuchs mudou-se com a sua filha e o seu genro para Rothenbügl.

### O cuidado pastoral em Irlbrunn

Os registos paroquiais referentes a Irlbrunn encontravam-se tanto na Paróquia de Saal quanto em Painten. A paróquia responsável pela região de Frauenforst era a de Saal. a. D., que se distanciava a 12 km de Irlbrunn, mas que estava do outro lado do Danúbio. A paróquia actual de Kelheimwinzer, a qual Irlbrunn viria pertencer posteriormente, não existia então. Lá, só havia uma igreja, que era dependente de Saal. Provavelmente, devido à distância de Saal, os trabalhadores vidreiros de Irlbrunn distanciaram-se de sua paróquia e levavam as suas crianças para serem baptizadas para lá da fronteira, em Painten. O arrendatário da manufatura, Kiesling, que já morava em Rothenbügl e assim pertencia à paróquia de Painten, onde ele era respeitado, pode ter facilitado esta decisão. Contudo, foi muito provavelmente decisivo o facto de que Painten se distanciava a “apenas” 7 quilómetros, ou aproximadamente uma hora e meia de viagem, enquanto para ir para Kelheimwinzer gastava-se 2 horas, e para Saal – ignorando-se a travessia do Danúbio – gastava-se pelo menos 2 horas e meia.

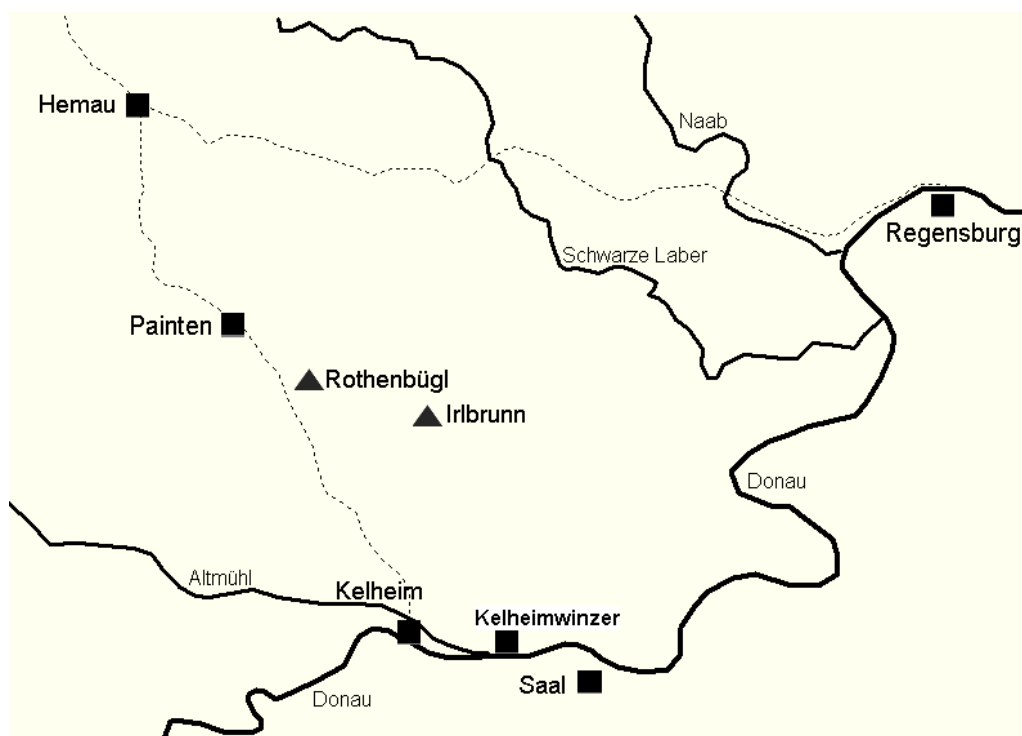


Fig. 13

<sup>110</sup> BayHStA, Kurbayern, Hofkammer, Hofanlagsbuchhaltung 380, fol. 86 (Comunicação pessoal do Sr. Hans Seidl, Pfettrach).

Ambas as paróquias, Painten e Saal, pertenciam ao bispado de Ratisbona, sendo assim possível abençoar oficialmente o status através de uma união das duas paróquias. Em 1716 tornou-se oficial que o povo de Irlbrunn poderia baptizar as suas crianças em Painten. Para os casamentos e enterros foi-lhes permitido realizarem-se na igreja Kelheimwinzer, dependente de Saal, e de onde viria o padre atravessando o Danúbio. Deveriam frequentar a missa dominical em Kelheim, que era possível sem a travessia do Danúbio. Apenas em feriados específicos eram obrigados a ir à igreja paroquial de Saal. O padre de Saal deveria pagar nove florins anuais ao padre de Painten pela participação deste no cuidado daquelas almas de Irlbrunn.<sup>111</sup> Este regulamento fez com que os baptismos das crianças de Irlbrunn a partir de 1717, fossem registados tanto em Painten como também deveria existir um subsequente registo anual em Saal.

A toponímia de Irlbrunn, a propósito, foi escrita de diversas formas nos livros paroquiais dos anos de 1713 até 1741, mas nenhum corresponde ao actual. O mais frequente era “*Edlbrun*”. Além disso, lê-se Edelbrunn, Edlprun, Edtelbrun e Erllbrun. Frequentemente aparece também simplesmente como “*a nova fábrica de vidro*” ou “*in nova officina vitriaria*”.<sup>112</sup>

### **O destino do pessoal da fábrica de vidro após o encerramento de Irlbrunn**

Nos anos de existência da fábrica de vidro – entre 1713 e 1741 – nasceram em Irlbrunn 77 crianças.<sup>113</sup> A última criança teve seu baptizado a 16 de Fevereiro de 1741 na cidade de Painten: Maria Franziska, filha de Michael Fuchs, “*vitriflator*” em Irlbrunn e da sua esposa Anna Maria.<sup>114</sup>

Com o encerramento da próspera manufatura, os trabalhadores ali empregados foram obrigados a mudarem-se para um novo “ganha-pão”. Não foram apenas os vidreiros que foram afectados pelo encerramento da fábrica. Também os produtores de cinzas, roçadores, lenhadores, carregadores, secadores de lenha, fogueiros, empacotadores, transportadores de vidro etc., pessoas que viveram 28 anos da vidreira, perderam os seus empregos.

<sup>111</sup> Para maior detalhe acerca deste assunto: WAGNER, Frühmeß, nota 46, p. 34-36.

<sup>112</sup> BZAR, livros das paróquias de Painten e Saal.

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> BZAR, KB Saal, Bd. 1, p. 67, Fiche 1/11.

### Vidreiros de Irlbrunn na Boémia, Suécia e Portugal

De alguns especialistas em vidro de Irlbrunn nós sabemos como e onde encontraram um novo emprego. Johann Balthasar Fuchs, o arrendatário, tinha feito os preparativos para o caso de ele ter que abrir mão de Irlbrunn. Após 15 anos de quezílias com a administração do Príncipe Eleitor, o encerramento da fábrica de vidro já não era uma surpresa para ele. Já em 1734, ele tentou, ainda que em vão, adquirir a fábrica de vidro de Schleichach. Fuchs estava com 38 anos quando aconteceu o encerramento da fábrica de vidro. A sua esposa tinha tido 8 filhos em Irlbrunn. Temos motivos para assumir que ele ganhou uma quantia boa de dinheiro, que lhe permitiu andar com as suas próprias pernas. Após o encerramento de Irlbrunn adquiriu uma fábrica de vidro perto de Furth im Wald, para lá da fronteira da Boémia: a fábrica de vidro de Fichtenbach, que seria mais tarde chamada de “Fábrica do Fuchs” (“Fuchshütte”), e estaria nas mãos da família até o começo do século XIX.<sup>115</sup> Possivelmente também foi apoiado financeiramente pela sua mãe, a viúva Christina Fuchs, de Rothenbügl. Esta fez um empréstimo ao seu genro, Veit Preisler, de 429 florins, com os quais ele poderia pagar o restante das rendas.<sup>116</sup>

Johann Michael Fuchs, provavelmente o irmão mais novo de Johann Balthasar, que é documentado em Irlbrunn de 1732 a 1741 como vidreiro, tornou-se também independente. Em 1742, ele, com ajuda do seu irmão, construiu a fábrica de vidro Paulushütte, na Boémia, próximo da aldeia de Paulusbrunn, vizinha da vila Tachau.<sup>117</sup> O mestre vidreiro Johann Michael Fuchs viveu ali até 1760, mudando-se depois para mais perto da fábrica de vidro chamada Goldbachhütte, adquirida por ele em 1760 ou anteriormente, onde morreu a 3 de Janeiro de 1767, aos 60 anos. O seu epitáfio está até hoje na igreja de São Nicolau, em Schönwald<sup>118</sup> perto de Tachau.<sup>119</sup>

Wilhelm Greiner, fundidor em Irlbrunn, abandonou a fábrica de vidro antes mesmo do seu encerramento. Ele pode ser o mesmo fundidor com este nome que aparece na Suécia em 1740. De 1742 a 1748 encontrámo-lo na fábrica de vidro Perstorp no sul da Suécia. Antes disso, deve ter encontrado emprego na fábrica de vidro sueca de Björknäs.<sup>120</sup> Deve ter deixado Irlbrunn, por volta de 1736. A indústria de vidro sueca estava ainda em desenvolvimento nestes anos, e Greiner não foi o único especialista vidreiro da nossa área sob investigação que contribuiu para isso. O vidreiro Johann Eder, proveniente de

<sup>115</sup> Ver BLAU, Glasmacher 2, nota 9, p. 62-63.

<sup>116</sup> BayHStA, Reichsstift Regensburg Niedermünster, Archivalien, 592 (15-07-1742) e 593 (04-09-1742).

<sup>117</sup> Actualmente: Tachov.

<sup>118</sup> Actualmente: Lesná.

<sup>119</sup> Ver PROCHÁZKA, Glasindustrie, nota 43, p. 189-191.

<sup>120</sup> Torbjörn FOGELBERG – Friedrich HOLL, Wanderungen deutscher Glashüttenleute und Schwedens Glasindustrie in den letzten fünf Jahrhunderten, Växjö 1988, p. 77.

Rothenbügl, e os seus filhos também foram para a Suécia após uma permanência de 7 meses em Portugal.<sup>121</sup>

O sucessor de Greiner como fundidor em Irlbrunn, Johann Georg Hahn, nascido em 1700 na cidade de Painten, provavelmente possuiu a carreira mais notável de todos os anteriores vidreiros de Irlbrunn. Ele foi, juntamente com o seu irmão mais velho, Johann Ulrich e outros vidreiros das redondezas de Irlbrunn, Rothenbügl e Schleichach para Portugal. A partir de 1744 encontrámo-lo na fábrica de vidro Real de Coima, ao sul de Lisboa, onde encontrou emprego juntamente com o seu irmão e tornou-se o fundador da ainda florescente dinastia de vidreiros Gallo.<sup>122</sup>

### **A fábrica de vidro de Irlbrunn – uma vítima dos caprichos absolutistas**

Quando o fogo da fábrica de vidro de Irlbrunn se apagou para sempre em 1741, a guerra de sucessão austríaca já tinha rebentado. O período da produção de vidro de Irlbrunn – que tinha começado em 1713, no fim da guerra de sucessão espanhola e terminado no começo da guerra de sucessão austríaca – reveste-se de um período de paz entre as duas guerras. O imperador Carlos VI autorizou a fábrica de vidro. Foi terminada pelo imperador posterior, Carlos VII. Estas datas são marcantes para a fábrica de vidro de Irlbrunn, cujo início e fim estão marcados por eventos políticos.

O seu encerramento ocorreu sem qualquer necessidade aparente. A empresa tinha em Johann Balthasar Fuchs um experiente administrador, que também se repetiu na Boémia. A fábrica de vidro era claramente rentável, trazia à Abadia Imperial de Niedermünster entradas extras e garantia a várias famílias o seu sustento. O seu encerramento, apesar de tudo isto, pode ser visto como um acto de um capricho de absolutismo governamental, cuja causa deve ser procurada em motivos políticos e, possivelmente, até pessoais. Esta conclusão é reforçada pelo facto que a fábrica de vidro vizinha de Rothenbügl – que praticamente não foi afectada pelo intervencionismo estatal – ainda se manteve activa por mais 137 anos e ainda no século XVIII foi permitida outra fábrica de vidro, na floresta de Painten, de nome Viergstetten.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> Ver Georg PAULUS, Johann Eder (1694–1753). Die europäische Karriere eines bayerischen Glasmachers und seiner Familie, em: Blätter des Bayerischen Landesvereins für Familienkunde, BBLF 74 (2011), p. 33-50.

<sup>122</sup> Ver Georg PAULUS, Bayerische Glasmacher auf der Iberischen Halbinsel, em: Blätter des Bayerischen Landesvereins für Familienkunde, BBLF 73 (2010), p. 5-39.

<sup>123</sup> Ver Georg PAULUS, Zur Geschichte von Viergstetten, em: Markt Painten (Ed.); Painten in Geschichte und Gegenwart, Painten 2005, p. 393-398.



O fecho da fábrica de vidro sem motivo económico aparente pode servir também como um exemplo que a arrogância jurisdicional não apenas destrói postos de trabalho, como também espalha conhecimento técnico. A carreira dos vidreiros de Irlbrunn, que se tornaram nossos conhecidos, cujo conhecimento e proficiência serviu aos interesses estrangeiros para o desenvolvimento das suas próprias indústrias de vidro, mostra-nos que a dissolução da fábrica de vidro de Irlbrunn foi um caso de transferência tecnológica irreflectida, que por fim veio a prejudicar a própria economia a longo prazo. A história da fábrica de vidro de Irlbrunn é, assim, não só um pequeno capítulo do passado da nossa terra natal, mas um pedaço da história da indústria.



Fig. 14: Vista do lago e do prado da fábrica de vidro (visualizada do lado noroeste)

### Fontes inéditas

Bayerisches Hauptstaatsarchiv [Arquivo Principal do Estado da Baviera]:

Klosterliteralien Regensburg-Niedermünster 110 („Den Glashüttenbau in Irlbrunn betr., 2 Prod., 1714“).

Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 29-34 (Frauenforst, Holzrechnungen 1728-1731, 1735, 1746).

Reichsstift Regensburg-Niedermünster, Archivalien 584-585 e 591-593 (Briefprotokolle der Propstei Niederlindhart 1710–1718 e 1737–1744).

Bischöfliches Zentralarchiv Regensburg [Arquivo Episcopal Central de Ratisbona]:

Matrikeln der Pfarreien Painten und Saal a.d.D.;

Staatsarchiv Amberg [Arquivo Estatal de Amberg]:

Pflegamt Hemau, R 17;

Reg. Kammer der Forsten, 531;

Staatsarchiv Landshut [Arquivo Estatal de Landshut]:

Grundsteuerkataster Kelheimwinzer, 7/29 II-1

Rentkastenamt Straubing, A 50;

Staatsarchiv Nürnberg [Arquivo Estatal de Nuremberga]:

Fstm. Ansbach, Markgräfliche Bauamtsakten, Nr. 476;

Staatsarchiv Würzburg [Arquivo Estatal de Würzburg]:

H.K.P. 1734, fol. 310v;

### Literatura seleccionada

BLAU, Josef: Die Glasmacher im Böhmer- und Bayerwald 2, Kallmünz 1956.

HAFNER, Erich: Die Geschichte der Glashütte von Rothenbügl, em: Markt Painten (Ed.), Painten in Geschichte und Gegenwart, Painten 2005, p. 445-458.

LOIBL, Werner: Die Kieslings. Woher kamen die letzten traditionellen Glashüttenmeister von (Fabrik-)Schleichach?, em: Rauhenebracher Jahrbuch 2005, p. 90-113.

LOIBL, Werner: (Fabrik-)Schleichach. Die Geschichte der Glashütte im Steigerwald (1706–1869), Rauhenebrach 2006.

MAGES, Emma: Kelheim. Pflegergericht und Kastenvogtgericht. Historischer Atlas von Bayern, Teil Altbayern, Heft 64, Munique 2010.

PAULUS, Georg: Bayerische Glasmacher auf der Iberischen Halbinsel, em: Blätter des Bayerischen Landesvereins für Familienkunde, BBLF 73, Munique 2010, p. 5-39.

PAULUS, Georg: Die Geschichte von Rothenbügl, em: Markt Painten (Ed.): Painten in Geschichte und Gegenwart, Painten 2005, p. 372-393.

- PAULUS, Georg: Glasindustrie bei Painten (1630–1932), em: Die Oberpfalz 98, Kallmünz 2010, p. 230-239.
- PAULUS, Georg: Johann Eder (1694–1753). Die europäische Karriere eines bayerischen Glasmachers und seiner Familie, em: Blätter des Bayerischen Landesvereins für Familienkunde, BBLF 74, Munique 2011, p. 33-50.
- SCHMID, Alois: Regensburg. Reichsstadt – Fürstbischof – Reichsstifte – Herzogshof. Historischer Atlas von Bayern, Teil Altbayern, Heft 60, Munique 1995.
- WAGNER, Hans: Von der Frühmeß zur Pfarrei. 500 Jahre Seelsorgestelle Kelheimwinzer 1482–1982. Heimatgeschichte Kelheimwinzer/Herrnsaal, Kelheimwinzer 1982.
-